

ISABELLE DE ARAUJO LIMA E SOUZA

CORPORALIDADE SURDA E LÍNGUA EM AGÊNCIA NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DOS SINAIS COMO NOMES PRÓPRIOS

Monografia apresentada ao
departamento de Ciências Sociais
como partes das exigências para
obtenção de título de bacharel em
Ciências Sociais

Viçosa-MG

Julho-2014

ISABELLE DE ARAUJO LIMA E SOUZA

CORPORALIDADE SURDA E LÍNGUA EM AGÊNCIA NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DOS SINAIS COMO NOMES PRÓPRIOS

Monografia apresentada ao
departamento de Ciências Sociais
como partes das exigências para
obtenção de título de bacharel em
Ciências Sociais

APROVADA: 16/07/2014

Nome do membro da banca

Nome do membro da banca

Nome do Orientador
(Orientador)

DEDICATÓRIA

A Neide de Araujo Lima e Souza e Sérgio Gomes de Souza, meus pais e a
Giselle de Araujo Lima e Souza, minha irmã.

AGRADECIMENTOS

Inúmeras são as pessoas que merecem os créditos por este trabalho e pela conclusão da graduação, mas estarei citando algumas em especial. Agradeço primeiramente aos meus pais pelo apoio emocional que me deram no decorrer da minha vida e principalmente na graduação; a minha irmã que é minha amiga e companheira desde seus primeiros dias de vida; a Ana Luisa Gediel por ter me apresentado a LIBRAS, pelas inúmeras orientações tanto de cunho acadêmico quanto pessoal; Aos surdos que contribuíram para que a pesquisa fosse desenvolvida; Ao André Santos Souza e ao Arthur Fontgaland por serem grandes parceiros nos trabalhos de campo e nos estudos antropológicos; As ótimas pessoas que conheci em Viçosa, dentre elas a Juliana Assunção, uma grande amiga; o Diondevon, um ser querido, que me ajudou a cruzar a linha de chegada nos momentos em que eu pensei em esmorecer.

Lista de Figuras

Figura 1. Primeira rodada de entrevista com os surdos	23
Figura 2. Segunda rodada de entrevista com os intérpretes	24
Figura 3. Entrevista com os Surdos Alfas	26
Figura 4. Rede comunicativa dos Surdos de Viçosa	31
Figura 5. Numeração dos surdos que participam da rede.	38
Figura 6. Mapeamento de acordo com o sexo	38
Figura 7. Léxico das Línguas de Sinais	45
Figura 8. Tipologia dos Sinais Próprios.....	50

Lista de Nomenclaturas

LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais

INES: Instituto Nacional de Ensino de Surdos

O: Orientação

CM: Configuração de Mão

M: Movimento

L: Locação

ENM: Expressões não Manuais

(L1): Primeira Língua

(L2): Segunda Língua

EAMES: Ensino-Aprendizagem Metodologias de Ensino para Estudantes Surdos

UFV: Universidade Federal de Viçosa

DLA: Departamento de Letras e Artes

EXTRATO

Souza, Isabelle de Araujo Lima. Universidade Federal de Viçosa. Julho de 2014. **CORPORALIDADE SURDA E LÍNGUA EM AGÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS SINAIS COMO NOMES PRÓPRIOS**. Orientadora: Ana Luisa Borba Gediel.

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CORPORALIDADE SURDA E LÍNGUA EM AGÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS SINAIS COMO NOMES PRÓPRIOS**, teve como objetivo compreender como são construídos os sinais referentes aos nomes próprios das pessoas surdas, usuárias da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, na cidade de Viçosa, MG; e suas influências a partir de questões de gênero, diferenças regionais e geracionais. A LIBRAS tem uma estrutura gramatical e morfológica própria, por meio da qual os surdos se identificam como minoria étnico linguística. Em meio à relação língua e cultura, os Sinais Próprios são considerados como um aspecto cultural, entendidos como um 'batismo' para o reconhecimento entre os surdos usuários da LIBRAS. Nesse sentido, a nomeação em LIBRAS de uma pessoa é um dos primeiros demarcadores na comunicação por dessa língua. Durante dois anos de pesquisa, utilizou-se da metodologia qualitativa, amparada em pressupostos da pesquisa etnográfica como: observação participante, caderno de anotações e diário de campo, além da realização de entrevistas semi-estruturadas com ouvintes, usuários da LIBRAS, e com três surdos do município, que foram denominados como chaves, para a coleta de dados. Através dos dados foi possível perceber que não existe uma comunidade institucionalizada de Surdos em Viçosa, mas há sim uma rede comunicativa, mapeada a partir dos espaços de sociabilidade. Foi identificado, ainda, que os surdos, os quais nominam as pessoas, o fazem de acordo com as experiências de aquisição linguística, ressignificando as formas das construções das unidades mínimas da língua, as quais posicionam os corpos

no mundo. A partir disso, notou-se um padrão na configuração de mão e no movimento dos sinais femininos de Viçosa; outro aspecto evidenciado foi a datilologia para a configuração de mão do sinal próprio. Em relação às variações regionais, devido ao fato de não ter uma comunidade linguística formada, a transitoriedade dos surdos chaves traz uma regionalidade, que é pautada durante as interações, não havendo uma norma. Esta é estabelecida no próprio discurso, para o entendimento da mensagem entre o emissor e o receptor. Conclui-se que não há uma separação entre as vivências dos sujeitos e suas construções linguísticas.

DATA: 16/07/2013

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS.....	14
2.1. Objetivos Específicos.....	14
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	15
3.1. Pré-Campo.....	19
3.2. Entrada em Campo.....	22
3.2.1. Limites nas Entrevistas com Surdos.....	26
4. INTERAÇÕES NO CAMPO	30
5. LÍNGUA.....	32
6. DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA RELIDADE INVESTIGADA.....	37
6.1. Caminhos percorridos pelos Surdos Alfa	39
7. A AGÊNCIA DA/NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	44
7.1. Forma Padrão da Língua de Sinais em Uso no Município de Viçosa	48
7.1.1. O empoderamento da Língua nas interações sociais	51
8. CORPORALIDADE E A FORMA DE CONSTITUIÇÃO DO SINAL	55
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado tem como principal objetivo compreender como as experiências e vivências dos surdos com a LIBRAS influem na construção dos sinais como nomes próprios. Além disso, pretende-se fazer uma discussão acerca das performances da LIBRAS durante as interações cotidianas. É importante ressaltar que os sinais que substituem os nomes próprios das pessoas surdas da cidade de Viçosa são considerados como um dos aspectos culturais para a constituição identitária do sujeito surdo. Os sinais de nominação são os primeiros demarcadores na comunicação em Língua de Sinais, visto que ao se apresentar a pessoa surda demonstra seu sinal (que representa o nome em Língua Portuguesa), antes mesmo do nome em Português, via datilologia. Nessa perspectiva, pretendeu-se contribuir com os estudos na área da LIBRAS e da Antropologia Linguística, tendo como foco de investigação a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e a cultura surda.

Este trabalho deriva do projeto de pesquisa **Sinais Como Nomes Próprios: Significados Corporais a partir das especificidades da Língua de Sinais para as Comunidades Surdas**¹. No decorrer da pesquisa trabalhou-se de forma interdisciplinar por meio da integração das áreas da Linguística Aplicada e da Antropologia Linguística. Essa cooperação entre as diferentes áreas do conhecimento permitiu adentrar aos estudos da Sociolinguística, por meio da qual foi possível verificar as especificidades culturais dos sujeitos surdos, a partir das interações face a face (GOFFMAN, 1998).

Importa ressaltar que as interações sociais, percebidas a partir da LIBRAS, permitiram abarcar os fatos sociais e as atividades do cotidiano, de forma a compreender a complexidade das interações, via Sociolinguística.

Ao considerar que a Língua de Sinais é composta por um conjunto de aspectos gramaticais próprios, é perceptível a flexibilidade e riqueza linguística,

¹ Projeto de Pesquisa Financiado pelo CNPQ edital PIBIC 2012/13.

a qual possibilita transmitir sentimentos, emoções e abstrações (GESSER, 2009). Pode-se apontar que as pessoas surdas têm uma percepção de mundo diferenciada, a qual se modifica ao sentir e experienciar o mundo através da LIBRAS². Desse modo, entende-se que os sinais não são somente um fator de extrema importância para a comunicação, mas para a compreensão de mundo desses sujeitos e de como eles se identificam e são identificados. Tais fatores influenciam nas formas como ocorrem as interações sociais, as trocas simbólicas e as linguísticas, entre os membros do grupo.

As questões relativas à “cultura surda” estão pautadas pelo conjunto de “significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, pág.66). A partir deste princípio, os sinais estão presentes nas formas de comunicação da vida cotidiana, desde a construção dos nomes próprios até o uso de palavras coloquiais. Evidencia-se, aqui, um sistema complexo de significados, que incidem em diversos fatores. Fez-se necessário, então, problematizar e levantar o seguinte questionamento: Como são construídos os sinais dos nomes próprios, levando em consideração as questões de gênero, diferenças regionais e geracionais das pessoas Surdas da Cidade de Viçosa, MG?

O conhecimento dos sinais como nomes próprios levou a uma série de concepções acerca da Língua de Sinais e de suas influências na cultura surda. Essas foram percebidas conforme a inserção no campo e o mapeamento da rede comunicativa surda, por meio de uma pesquisa etnográfica, em que foram abordadas as experiências dos sujeitos e a aprendizagem da Língua de Sinais. Além disso, para compreender a diversidade do grupo através do conhecimento linguístico de suas nomações, a LIBRAS foi utilizada como delimitador dos participantes da pesquisa. Assim, investigou-se como as

² Sugiro pensar sobre a corporalidade dos sentidos, em que as experiências de mundo das pessoas Surdas ocorrem no corpo e por meio dele. A ausência de um desses sentidos seria vivenciada por outras formas corporais, levando os Surdos à noção de completude sensorial, como entende Ingold (2000), não se trata da compensação de um sentido por outro, mas de experiências vivenciadas por meio dos sentidos ativos. Tais noções foram evidenciadas no trabalho de campo de Gediél (2010), relativo às experiências de pessoas Surdas que utilizavam a Língua de Sinais na cidade de Porto Alegre, RS.

peças surdas e ouvintes de Viçosa, usuárias da LIBRAS, participam do processo de nomeação e qual a sua significância para as transformações da/na Língua de Sinais.

A partir das reflexões teóricas, observações acerca dos sujeitos da pesquisa e encontros linguísticos foram traçadas algumas hipóteses de pesquisa: 1) a influência do oralismo e da Língua Portuguesa, a partir da datilologia, demarca a composição dos nomes; 2) a diferenciação dos sinais como nomes próprios é influenciado conforme as variações de idade e de gênero das pessoas surdas; 3) a mudança no formato de nomeação ocorre de acordo com a afirmação identitária e política que os surdos adquirem enquanto grupo minoritário; 4) a construção linguística, por meio de uma junção de sinais no contato face a face, advém da influência regional na comunicação de surdos que aprenderam a Língua de Sinais em diferentes estados do país.

Para investigar o conjunto de hipóteses mencionadas, nota-se a necessidade da ampliação de estudos na área da Linguística Aplicada, para dar conta das variações culturais impressas na língua e, ainda, da relação das experiências dos corpos surdos, através de uma perspectiva fenomenológica. Tais aspectos são pontuados como o recorte teórico que ampara as particularidades da pesquisa. Desse modo, o estudo justifica-se, principalmente, por duas razões: a primeira delas está voltada à importância do desenvolvimento de estudos da LIBRAS no viés linguístico; e, a segunda, na percepção de mundo dos surdos por meio dessa língua.

Os estudos que envolvem a LIBRAS são considerados recentes e, ainda, um campo pouco firmado no Brasil. Isso se deve, em parte, pela consolidação da Lei n.º 10.436, de abril de 2002, que instituiu a LIBRAS como uma Língua oficial. Pode-se citar esta como uma das conquistas das comunidades Surdas, a qual reconhece essa língua como meio legal de comunicação e expressão, além de outros recursos linguísticos a ela associados (BRASIL, 2002). A LIBRAS é a segunda língua oficial no Brasil e configura-se como um grande passo para a acessibilidade e a inclusão das pessoas surdas, usuárias dessa língua, nas diferentes esferas sociais.

Em relação à realidade da área de LIBRAS no estado de Minas Gerais, especificamente, na cidade de Viçosa, pode-se afirmar que os dados a esse

respeito estão sendo investigados desde o ano de 2010. A sensibilização para esses estudos ocorre por meio da disciplina de LIBRAS, na Universidade Federal de Viçosa, a qual está vinculada ao Departamento de Letras. Vislumbra-se que tais estudos são de real importância para o desenvolvimento da pesquisa científica e o contato dos acadêmicos que estão em formação inicial, com a finalidade de apoiar o surgimento de mais um campo de pesquisa, nas áreas de Linguística Aplicada e de Antropologia Linguística.

A discussão para a análise dos dados seguiu, ainda, o conceito da “Comunidade da Fala”, criado por Gumperz & Cook-Gumperz (1982), para analisar o contexto de Viçosa; os estudos envolvendo a relação dos corpos no mundo e a interação social (MAUSS, 2003; MERLEAU-PONTY, 1990, 2006; RABELO e ALVES, 2001, CSORDAS, 2008, 2010). Além disso, considerou-se o arcabouço teórico referente aos diferentes grupos sociais e às influências linguísticas nas relações sociais, encontrado em autores como: Duranti (1997; 2001); BUTTLER (2000); e Keating (2006), que apresentam elementos para constituir a análise de particularidades, de semelhanças e de diferenciações linguísticas da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Em especial, os estudos sobre corpo, pautados na teoria do “embodiment” (CSORDAS, 2008, 2010).

Entende-se que a linha do “*embodiment*” abarca a compreensão dos regimes de subjetivação, em que as experiências corporais definem-se por meio das construções linguísticas das pessoas surdas. Torna-se relevante considerar o status linguístico da LIBRAS e a sua influência na forma de perceber o mundo, visto que, segundo Mendes (2006), o corpo seria a base de experimentação do processo de subjetivação. Esse seria constituinte do ser humano, “como um tipo específico de sujeito, ou seja, subjetivado de determinada maneira, que só é possível pelo “caminho” do corpo” (MENDES, 2006, pág.168).

Para envolver os pontos mencionados na introdução, o presente trabalho foi delineado da seguinte forma: 2) OBJETIVOS; 3) METODOLOGIA; 4) DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA REALIDADE INVESTIGADA; 5) LÍNGUA; 6) DESCRIÇÃO ANALÍTICA DA REALIDADE INVESTIGADA 7) AGÊNCIA DA/NA LINGUA DE SINAIS; 8) CORPORALIDADE E A FORMA DE CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS 9) CONSIDERAÇÕES FINAIS 10) BIBLIOGRAFIA.

2. OBJETIVOS

Compreender como são construídos os sinais referentes aos nomes próprios das pessoas surdas usuárias da LIBRAS na cidade de Viçosa, MG, e suas influências a partir de questões de gênero, diferenças regionais e geracionais.

2.1. Objetivos Específicos

- Realizar uma pesquisa etnográfica junto às pessoas surdas usuárias da LIBRAS na cidade de Viçosa;
- Verificar as semelhanças e particularidades encontradas nos sinais correspondentes aos nomes e possíveis aproximações destes sinais com as diferentes gerações e/ou com questões de gênero;
- Identificar as regionalidades da LIBRAS na cidade de Viçosa e compreender como essas influenciam a formação linguística e na interação entre as pessoas surdas;
- Desenvolver análise de dados da pesquisa a partir do referencial teórico em Antropologia Linguística, no intuito de verificar os sentidos atribuídos aos sinais de nominação;
- Incentivar a iniciação científica, a pesquisa e a aprendizagem em Antropologia e Linguística.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O campo científico, atualmente, permite e incentiva a flexibilização das fronteiras entre os campos do conhecimento. Essa relação possibilita que diferentes áreas se integrem para a realização de pesquisas, que usufruam de referências e literaturas pertinentes, para a obtenção de informação e de conhecimento, extravasando os âmbitos disciplinares demarcados (BRANDÃO, 2002). Assim, a integração e convergência entre as áreas de Antropologia e da Linguística Aplicada, contribuem no aprofundamento dos estudos e respondem melhor às complexidades da discussão, de forma mais abrangente e diversificada.

A pesquisa contou com uma metodologia qualitativa, baseada em estudos etnográficos das interações entre os usuários da LIBRAS, do município de Viçosa (MG). Para a coleta de dados fez-se necessário utilizar a observação participante, o diário de campo e as entrevistas semi-estruturadas. Para auxiliar no processo de investigação etnográfica contou-se com os seguintes instrumentos: caderno de notas, gravador de audio e câmera filmadora. A última teve a finalidade de registrar as entrevistas com os surdos para análises posteriores.

A escolha da pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que esta “sempre está aberta à discussão, à possibilidade de agregar novos elementos advindos da comunidade científica” (Víctora *et al*, 2000, p. 24). Nesse sentido, a abordagem etnográfica possibilita flexibilidades metodológicas que se adéquam ao desenvolvimento do trabalho de campo, garantindo uma maior triangulação dos dados, a partir de diferentes mecanismos de coleta.

O método etnográfico permite o registro de contextos de cultura, tendo em vista a percepção das particularidades do grupo investigado. Entende-se que é de extrema importância atentar à experiência social e ao estabelecimento de relações entre vivências diversas: sobre a visão, o olhar, a

memória e o imaginário, que imprime sentidos, bem como sobre as formas como esses sentidos se traduzem no campo da linguagem pelos que vivenciam a cultura (BECKER, 1997). Para Geertz (1989), esse procedimento metodológico, por meio da etnografia, é capaz de interpretação e descrição densa da realidade analisada. Desse modo, a pesquisa etnográfica com os surdos do município de Viçosa investigou as transformações da/na língua (DURANTI, 2010), que foram analisadas por meio do registro e do mapeamento dos Sinais Próprios dos usuários da LIBRAS. Que neste caso enfatizou a linha de estudo da *etnografia da fala*.

As informações obtidas por meio da *observação participante* tiveram o papel de compreender uma situação social, por meio dos acontecimentos do cotidiano, levando à obtenção de dados específicos dos sujeitos estudados. Essa técnica de coleta de dados tem como pressuposto a vivência e acompanhamento do dia a dia das pessoas, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos por eles à realidade a qual estão inseridos.

“O observador está face a face com os observados e, ao mesmo tempo, ao participar da vida deles no seu próprio cenário. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto” (CICOUREL, 1975, pág. 89).

Além disso, a observação participante, somada ao alicerce teórico, possibilitou a compreensão da densidade das relações desempenhadas a partir da LIBRAS.

O diário de campo serviu, com base nas anotações do caderno de campo, como um instrumento que possibilitou descrever as informações e experiências vividas durante a pesquisa, além de ser um importante aporte teórico e reflexivo para as observações dos pesquisadores. Contendo o registro de todas as impressões experienciadas, esse contribuiu no momento da análise dos dados. Assim, os diários, em conjunto com a literatura estudada, deram suporte para a “descrição densa” dos significados do grupo (GEERTZ, 1989).

Tais instrumentos foram utilizados levando em consideração o corpo surdo como um campo metodológico, para poder compreender como a língua é construída e (re)significada, a partir das experiências e das vivências de mundo de cada sujeito. A percepção do corpo enquanto campo metodológico fez-se necessário, uma vez que surgiu a necessidade de analisar a significância das performances desempenhadas na linguagem pelos corpos surdos.

Para tanto, foi necessário desenvolver entrevistas semi-estruturadas com os surdos Alfas³, analisar os relatos biográficos e como cada um se percebia enquanto usuário da LIBRAS em Viçosa. Estas entrevistas foram orientadas por um roteiro com questões pré-elaboradas, mas que se mantiveram em aberto, com a elaboração de novos questionamentos, conforme as informações que surgiam no campo. Através disto, foi possível compreender como ocorre a nomação; como são construídas as unidades mínimas desses sinais; e, como o processo de experiência de nomação em LIBRAS reflete na cultura surda.

Como alicerce para a coleta das informações via observações, diários e entrevistas, foi essencial o uso de gravador, para registrar as falas dos intérpretes (ouvintes), os cadernos de anotação, para apontar informações significativas, e a utilização imagética, por meio da câmera filmadora. Para a realidade estudada, ou seja, com a comunicação e interpretação de sujeitos com uma língua visual-espacial, o apoio imagético foi crucial.

À medida que a Antropologia se apropria das imagens em seu argumento, encontra-se um campo de fácil expressão cultural, por meio da linguagem visual, o que possibilita ao etnógrafo transpor em imagens a problemática da pesquisa, uma vez que elas teriam uma visibilidade específica. Ou seja, a linguagem imagética, detentora de uma sintaxe própria, pressupõe articular o conteúdo significativo capturado pela câmara, com a discursividade das narrativas etnográficas. (GODOLPHIM, 1995; SAMAIN, 1995).

³ Identificamos como surdos Alfas aqueles que foram apontados pelos intérpretes da LIBRAS como os surdos que conhecem muita gente. A partir dos surdos apontados como os mais influentes começamos o mapeamento dos outros surdos de Viçosa, para traçarmos as conexões da rede. A definição de rede será trabalhada mais adiante nos próximos capítulos.

Contudo, as contribuições da imagem para o registro etnográfico não se restringem à valorização das técnicas que geram um produto fiel à realidade, mas sim à captura das experiências humanas em sociedade e as suas relações com os significados acionados por esses (GODOLPHIM, 1995; SAMAIN, 1995). . A partir do uso de câmera e vídeo será possível registrar com maior propriedade os sinais que compõem a LIBRAS. Tal procedimento metodológico auxiliou na compreensão linguística das narrativas e da própria fonologia dos sinais.

Entende-se, desse modo, que o aspecto visual irá destacar imagetivamente os elementos que darão relevo às narrativas, realçando o contexto, os espaços de sociabilidade e as interações estabelecidas. Essa análise pode auxiliar na ampliação do entendimento das projeções discursivas criadas pelos sujeitos e na construção de um conhecimento acerca do “outro” (GODOLPHIM, 1995; SAMAIN, 1995).

Os elementos metodológicos, acima mencionados, foram ao encontro da “descrição densa”, a qual constituiu da etapa de análise dos dados e da produção de resultados. Além da utilização do Programa ELAN (Eudico Linguistic Annotator).

“O ELAN favorece a transcrição de vídeos, pois, permite modo de visualização de uma timeline (semelhante aos programas de edição de vídeo) (...)No caso da pesquisa com línguas de sinais podem ser utilizadas, por exemplo, linhas para anotações das glosas (anotações específicas de elementos isolados para fazer referência a outro texto), tradução para português ou outro idioma, marcações não-manuais, sons associados à produção de sinais, descrição do contexto de interação, comentários, entre outros” (CHRISTMANN, Karina Elis; DOMÍNGOS, Franz Kafka Porto ; OLIVEIRA, Janine Soares de; QUADROS, Ronice Müller de)

O ELAN é um software desenvolvido como recurso para auxiliar na transcrição de vídeos tanto de línguas orais auditivas, como de línguas espaço visuais. O software permite o uso de um número ilimitado de registros, assim por meio de faixas, ou timeline, é possível marcar o vídeo que será transcrito. Além disto, o ELAN permite acelerar, desacelerar o vídeo. Este recurso metodológico é bastante utilizado por pesquisadores na área de Língua de Sinais. Neste trabalho o ELAN nos foi útil para analisar a entrevista com os

surdos, pois marcávamos uma faixa e fazíamos anotações na mesma, sendo uma faixa no discurso do entrevistador, e outra no discurso do entrevistado, para posteriormente realizarmos as transcrições. Assim, transcrevíamos apenas os trechos referentes aos dados relevantes a pesquisa.

As descrições levaram a uma busca das similaridades e diferenças dos códigos linguísticos encontrados nas narrativas dos sujeitos e nas percepções do pesquisador. Este programa trata-se de um recurso criado por pesquisadores da área da Psicocinguística para poder criar, editar e visualizar anotações através das mídias, utilizadas no registro das entrevistas.

3.1. Pré-Campo

Com o intuito de dar aporte teórico aos estudantes integrantes da pesquisa Sinais como Nomes Próprios, para que estes estivessem aptos a desenvolver a pesquisa de campo, foram realizadas leituras na área de Antropologia Linguística, Antropologia do Corpo, além de textos relacionados a metodologias de pesquisa qualitativa. Concomitantemente a esta etapa do projeto, foram realizadas reuniões semanais, que assumiram o caráter de grupo de estudos, com duas horas de duração, a fim de promover o debate acerca da Língua de Sinais e do sujeito surdo. Esta temática foi abordada através da interpretação interdisciplinar entre a Antropologia e a Linguística Aplicada.

Os textos inicialmente trabalhados foram pertinentes para que a equipe de pesquisa se familiarizasse com os conceitos antropológicos e, também, com as metodologias de pesquisa utilizadas. Além disso, foram relevantes para que os integrantes problematizassem o universo de pesquisa e, a partir disso, pensassem a estruturação e os recursos que seriam utilizados na entrada em campo, para a coleta de dados.

Nessas reuniões foi definido como deveria ser realizada uma pesquisa etnográfica. As reflexões se voltaram para os instrumentos de coleta de dados, a forma de abordagem para com esses sujeitos e as noções éticas da pesquisa. Nos encontros da equipe foi sendo elaborado o desenho do estudo, com as seguintes considerações: como encontrar e conversar acerca da pesquisa com as pessoas surdas, pesando os locais e quais pessoas acessar;

o aprendizado e a utilização da LIBRAS pela equipe de pesquisa, como forma de comunicação essencial para compreender as subjetividades envolvidas nas especificidades linguísticas; o uso de recursos visuais como meio de compreensão e análise dos diálogos, além de compreender de que forma os mesmos seriam utilizados, no decorrer da pesquisa, com a finalidade de resguardar eticamente os sujeitos envolvidos.

Ao tratar das especificidades etnográficas, uma das grandes preocupações da pesquisa antropológica é o relativismo, que garante metodologicamente a diminuição dos riscos de examinar o outro a partir de um olhar etnocêntrico. Ou seja, não interpretar o outro a partir de nossos próprios esquemas de valores e de sentidos, simbolicamente definidos a partir de nossas próprias experiências de vida. Mas sim, treinar o olhar para perceber os sujeitos no campo como providos de valores e sentidos próprios, atribuídos pelas suas vivências particulares e suas próprias representações de mundo.

A equipe de pesquisa, desse modo, exercitou um treinamento do “olhar etnográfico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1994), para perceber a necessidade da desnaturalização e do estranhamento da surdez e da LIBRAS, com a perspectiva de compreensão do surdo, não como uma pessoa que possui uma deficiência, devido a uma disfunção do aparelho auditivo, mas como um sujeito culturalmente diferente. A Antropologia Fenomenológica, iniciada por Thomaz Csordas, nos permite perceber esse sujeito como um corpo⁴ que possui uma cultura particular, vivenciada e experienciada nas interações compreendidas pela micro e macroestrutura social. Nesse sentido, a particularidade fisiológica dos surdos que utilizam a LIBRAS não seria uma limitação física, mas uma significação corpórea, com variações linguísticas próprias e experiências particulares, com ênfase em uma Língua espacial-visual.

As discussões se tornavam ainda mais significativas, pelo fato de o grupo de estudos ser constituído, inicialmente, por acadêmicos da área das Ciências Sociais e da Letras, o que permitiu fomentar o diálogo interdisciplinar

⁴ Quando utilizamos o termo corpo faz-se referência ao corpo fenomenológico que discute a existência humana a partir da co-existência da mente e do corpo, rompendo com a dualidade da filosofia cartesiana.

entre a Antropologia e a Linguística Aplicada, no intuito de pensar acerca do sujeito surdo e da Língua de Sinais.

Após as leituras dos textos, que situaram os acadêmicos em relação ao papel dos estudos antropológicos, foram discutidas literaturas que abarcavam as especificidades da Antropologia Linguística e das análises etnográficas das comunidades surdas, de acordo com, por exemplo, Keating (2000) e Duranti (2001). Desse modo, os acadêmicos de Ciências Sociais trouxeram os aspectos relevantes em relação às interferências da cultura de um grupo na linguagem, por meio das trocas simbólicas desempenhadas via interações face a face com indivíduos de outros grupos. Isso induz na composição dos signos e dos significados de um código linguístico, nesse caso em específico, tratamos das variações linguísticas ocorridas entre os usuários da LIBRAS e da Língua Portuguesa. Embora a Antropologia Linguística seja considerada uma disciplina autônoma (DURANTI, 2001), é impossível negar a influência da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, uma vez que se entende a língua como um elemento formado e formador da cultura. Assim sendo, necessita de estudos direcionados aos ritos e às performances linguísticas, desempenhadas nos diferentes espaços de interações sociais. Tais elaborações teóricas permearam o grupo intitulado de “Antropologia Linguística: Experiências corporais”, que ocorreu quinzenalmente, durante os quatro primeiros meses da pesquisa.

Essas contribuições nos auxiliaram pensar as teorias que se adequariam à realidade local de Viçosa, visto que este município é característico pelo grande fluxo de pessoas oriundas de diferentes localidades, acarretando em uma variedade linguística-cultural. A partir da compreensão dos surdos como uma minoria étnico-linguística, entende-se que a Língua de Sinais igualmente a qualquer outra língua em uso está sujeita a variações propiciadas pelas interações sociais. Logo, a LIBRAS pode ser influenciada tanto pelas línguas orais auditivas, quanto pelas particularidades regionais de cada usuário da Língua de Sinais.

As teorias mobilizadas permitiram suscitar a problemática acerca da concepção dual entre corpo e mente, ou seja, percepção que compreende o corpo como objeto subordinado a racionalidade humana. Por meio das longas

discussões e reflexões acerca do *embodiment*, conseguiu-se chegar a conclusão de que não seria possível compreender o corpo e a língua de uma cultura através da visão dual, porque acreditamos na não separação entre a mente e o corpo. O ser humano é semelhante a qualquer outro objeto no mundo, entretanto ele é capaz de significar a sua existência conforme experiência e vivencia o mundo (PONTY, 2006). A base teórica foi repensada pela equipe de pesquisa, a respeito de como os aspectos filosóficos e antropológicos (PONTY, 2006; FOUCAULT, 2011; CITRO, 2009) se aplicavam a realidade dos Surdos de Viçosa. Percebemos, com isso, que a forma do sujeito surdo experienciar o mundo e se relacionar com os outros corpos no mundo constituem a formação de uma identidade cultural, firmada a partir da língua de sinais por meio das trocas simbólicas de significados.

Através, da literatura que abordava a noção de “Agency an Language” (DURANTI, 1997), percebemos como ocorre à ação do micro poder (FOUCAULT, 2011) em uma comunidade surda e a intervenção desta na agência da/na linguagem, que seria uma ação exterior que interfere na própria estrutura gramatical da língua e da agência da linguagem. Este percurso estaria ligado ao poder que algumas palavras ou ações possuem no interior dessa comunidade. Quando essa temática foi discutida, foi possível pensar na língua de sinais para a formação de uma identidade de grupo e nas modificações linguísticas-culturais que a língua sofre, e, em como essas mudanças influenciam no papel que o ator desempenha dentro dos espaços sociais por eles ocupados (GOFFMAN, 1998).

Após o período de pesquisa bibliográfica, de leituras e discussões a partir do grupo de estudos, as reuniões semanais, desenvolvidas às terças-feiras, ganharam o foco de construção metodológica para a entrada em campo, para a realização da coleta dos dados etnográficos.

3.2. Entrada em Campo

Finalizada a construção do arcabouço teórico, a problemática estava centrada no conhecimento dos sujeitos da pesquisa e na maneira como seria inscrita a coleta de dados. Para tal etapa da pesquisa foi de grande valia a experiência e o contato de alguns dos integrantes com usuários da LIBRAS e

intérpretes, via Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa, onde funcionam cursos de extensão relativos ao ensino e aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira. Assim, a entrada em campo foi estruturada em dois momentos: o primeiro para a pesquisa exploratória, a fim de localizar os surdos do município por meio de entrevistas semi-estruturadas com os intérpretes conhecidos pelos integrantes da pesquisa; e o segundo, para a observação participante, juntamente com os surdos Alfas do município⁵.

Essa estruturação tornou-se necessária, uma vez que nem todos os integrantes da pesquisa tinham contato com a Língua Nativa (LIBRAS), e o domínio da Língua foi sendo adquirido ao longo da investigação. Desse modo, seria inviável começar as entrevistas diretamente com surdos. Para atender às necessidades evidenciadas, foram desenvolvidas 2 rodadas de entrevistas semi-estruturadas com os ouvintes, de acordo com os quadros que seguem:

Entrevistados	Questões	Recursos Utilizados
1	1) Onde e como ocorreu o contato com a LIBRAS? 2) Quais são os surdos que conhece? 3) Onde encontra com os surdos?	- Caderno de anotações
2	1) Onde e como ocorreu o contato com a LIBRAS? 2) Quais são os surdos que conhece? 3) Onde encontra com os surdos?	- Caderno de anotações - Gravador
3	4) Onde e como ocorreu o contato com a LIBRAS? 5) Quais são os surdos que conhece? 6) Onde encontra com os surdos?	- Caderno de anotações - Gravador

Figura 1. Primeira rodada de entrevista com os intérpretes

Entrevistados	Questões	Recursos Utilizados
1	1) O que é o ministério com surdos? 2) Quais atividades são desenvolvidas no ministério com surdos? 3) Quantos surdos têm o ministério com surdos? E quem interpreta? 4) Os membros da igreja ainda se encontram depois do culto?	- Caderno de anotações - entrevista foi realizada por telefone
2	1) Você conhece algum ministério com surdos em Viçosa? 2) O que você entende por identidade surda? 3) O que você entende por cultura surda 4) Qual o seu sinal? Quem deu? E como ocorreu o processo de nomeação?	- Caderno de anotações - Gravador de voz
	1) Fale um pouco mais sobre o primeiro grupo de	

⁵ No projeto tratamos como surdos chaves os surdos Alfas da rede de surdos, sendo estes aqueles que estão de algum modo relacionados com o ensino e aprendizagem da LIBRAS e por possuírem determinado “prestígio” atribuem sinais próprios as pessoas.

3	surdos. 2) Você conhece algum ministério com surdos em Viçosa? 3) Como funciona o trabalho com os surdos da Casa Semear? 4) O que você entende por identidade surda? 5) O que você entende por cultura surda 6) Qual o seu sinal? Quem deu? E como ocorreu o processo de nomeação?	- Caderno de Anotações - Gravador de voz
----------	---	---

Figura 2. Segunda rodada de entrevista com os intérpretes




Posterior as duas rodadas de entrevistas com os intérpretes que tinham algum tipo de vínculo ou envolvimento com as pessoas surdas, em específico, com aqueles (re)conhecidos como lideranças surdas em diferentes espaços sociais, tais como: religiosos, educacionais e de sociabilidade. Então, deu-se início ao processo de mapeamento dessas pessoas, além de outras que foram identificadas como não líderes, mas que utilizam a LIBRAS como forma de comunicação e que tem nominação. Desse modo, foi possível ter acesso aos surdos líderes, que consideramos na pesquisa como surdos “alfas”, ou seja, aqueles que em uma rede social são as pessoas chaves, que nos levariam aos demais surdos da cidade (BARNES, 2006).

Posterior a entrevista com intérpretes, os quais apontaram os surdos usuários da LIBRAS em Viçosa, realizamos as conexões deles com os surdos alfas.⁶ Essas conexões tem o papel de identificação das experiências corpóreas de cada um dos surdos chaves no processo interacional, e as suas influências na cultura e na estrutura linguística da Língua de Sinais. Desse modo, quando perguntávamos sobre qual o contato que os intérpretes tinham com os surdos, anotávamos no diário de campo os nomes e a localização dos surdos. Na análise dos dados dessa etapa do campo metodológico foi possível desenvolver um quadro, com o nome em português, o sinal próprio (quando sinalizado), o local de moradia e o contato que cada surdo possuía com a LIBRAS.

⁶ Aqui consideramos surdos Alfas os surdos apontados pelos entrevistados como “aqueles que conhecem muita gente”, a partir disso passamos a traçar o desenho da rede social, que tinha como elo de ligação das conexões e interconexões o uso da LIBRAS. Este procedimento seguiu o modelo proposto por Barnes quando ele introduz a definição de redes sociais, por meio da pesquisa do sistema eleitoral de um bairro.




O quadro, em um primeiro momento, assumiu caráter exploratório, para que pudéssemos mapear previamente os surdos que estariam envolvidos na delimitação da pesquisa, construída da seguinte maneira: surdos usuários da LIBRAS, que possuem sinais específicos aos nomes próprios. Somente após esse levantamento inicial tornou-se possível descrever os sinais próprios e analisá-los. Nesse sentido, embora o quadro com os nomes tenha um peso metodológico de organização do campo, a mesma não foi exposta no relatório, para manter os padrões éticos da pesquisa, sem a utilização dos nomes das pessoas em Língua Portuguesa.

Para manter um posicionamento ético na pesquisa, as pessoas foram identificadas por meio das configurações de mão dos sinais, o que não possibilita a identificação dos mesmos, já que para a completude de um sinal, há a necessidade de adicionar o movimento e a locação ou ponto de articulação (QUADROS & KARNOPP, 2004). Os surdos que consideramos alfa

e que apareceram nas três entrevistas, foram:  ,  e  .

Desse modo, a segunda etapa do campo envolveu esses sujeitos, que foram apontados nas entrevistas com os ouvintes como os “surdos que conhecem muita gente” e que “gostam de ensinar a LIBRAS”, o que classificamos como surdos chaves da rede social.

Assim, a segunda etapa da pesquisa, foi constituída pelas entrevistas semi-estruturadas com os surdos. Os roteiros foram personalizados para cada um dos surdos Alfas de nossa pesquisa, como indicado no quadro abaixo:

Surdo 		
<p>Questões:</p> <p>1) QUAL-PRIMEIRO-CONTATO-LIBRAS?⁷</p> <p>2) COMO-VOCÊ-DAR-SINAL-PESSOA?</p> <p>3) PODE-SINAL-PESSOA-TER-LETRA-PORTUGUÊS?</p> <p>4) PODE-TRANSFORMAR _____-SINAL? PODE-TIRAR-LETRA-PORTUGUÊS?</p> <p>5) QUAL-SINAL-SURDO-VOCÊ-CONHECE?</p>	<p>Recursos Utilizados:</p> <p>- Filmadora</p> <p>- Caderno de notas</p>	<p>Local da entrevista:</p> <p>- Copa da casa do </p>
Surdo 		

⁷ As letras encontram-se em caixa alta, pois trata-se de um norma padrão utilizada para a transcrição em LIBRAS.


Questões: Oservação: Essa entrevista não foi realizada por motivos de afastamento da pessoa da cidade de Viçosa, por motivos de saúde.	Recursos Utilizados:	Local da entrevista:
Surdo 		
Questões: 1) SEU-SINAL? 2) POR-QUE-SEU-SINAL? QUEM- DEU-SINAL? 3) ONDE-VOCE- APRENDER - LIBRAS? COMO-VOCE- APRENDER-LIBRAS? 4) VOCE-CONHECER-MINISTÉRIO-SURDOS? QUAL- SUA-OPINIÃO? 5) ONDE-ENCONTRAR-SURDOS-VIÇOSA? ⁸	Recursos Utilizados: - Filmadora - Caderno de notas	Local da entrevista: - Sala DLA, UFV

Figura 3. Entrevista com os Surdos Alfas

As entrevistas com os surdos Alfas possibilitaram analisar os Sinais Próprios, percebendo as modificações linguísticas de cada um deles. Posteriormente a esta etapa, os sinais mapeados na pesquisa de campo foram separados e categorizados de acordo com a sua formação fonética. Além disso, o discurso e as narrativas biográficas permitiram uma compreensão do mundo surdo e como os Sinais Próprios e as suas peculiaridades foram capazes de se constituírem enquanto formadores e demarcadores identitários nas (inter)conexões da rede comunicativa.

3.2.1.Limites nas Entrevistas com Surdos

No primeiro momento do campo metodológico, o processo interacional ocorreu sem o surgimento de nenhum *Blooper*⁹ durante as interações face a face, pois todas as pessoas envolvidas na entrevista tinham o domínio da língua nativa, que no caso, era a Língua Portuguesa. Algo que não se repetiu no segundo momento da metodologia de pesquisa, visto que os pesquisadores utilizaram a primeira língua dos entrevistados para a interação. Tais

⁸ As entrevistas foram transcritas, vai ELAN, de acordo com a estrutura gramatical da LIBRAS (QUADROS & KARNOPP, 2004), visto que as mesmas foram realizadas nessa língua aos entrevistados.


⁹ Conceito de Goffman para se referir a um erro interacional.

constatações foram evidenciadas de acordo com a noção de *bloopers*, discutida por Gooffman (1982), relativas às falhas ocorridas no processo de interação face a face.


As entrevistas com os surdos ocorreram em LIBRAS, o que foi considerado como um limite metodológico, já que os pesquisadores não eram fluentes na Língua, dificultando, algumas vezes, a ação comunicativa entre os emissores e os receptores da mensagem. Tais momentos foram percebidos, por exemplo, quando os entrevistadores eram colocados em duas situações: 1) os surdos não entendiam o significado da oração e respondiam a pergunta de acordo com o que eles haviam compreendido; 2) corrigiam a forma como os sinais eram realizados, sinalizando e argumentando qual era a forma correta da Locação, da Configuração de Mão e/ou do movimento do sinal, de acordo com a sua experiência.


Essa frase aponta uma limitação linguística por parte dos pesquisadores, perceptível pela tradução dos sinais para o português. A emissora da

mensagem queria dizer o pronome EU (CM=  L=Tronco M= de fora

para dentro) ao invés disso foi sinalizado MEU (CM=  L=Tronco M= de fora para dentro). Desse modo, a modificação na configuração de mão fez com

que o sinal assumisse o significado de um pronome possessivo e não de um pronome pessoal na oração elucidada. O mesmo ocorreu com o sinal traduzido

como INTELIGÊNCIA CM=  L= Lado direito da cabeça M= de fora para dentro), que mediante o contexto interacional era para ter sinalizado cultura

(CM=  L= Lado direito da cabeça M= de fora para dentro).

Os sinais MEU e EU, INTELIGÊNCIA e CULTURA são classificados de acordo com os estudos linguísticos da LIBRAS como pares mínimos, por possuírem uma mínima diferença em um dos parâmetros. Apesar de serem pares mínimos eles possuem significados diferentes no contexto do discurso. Assim sendo, a confusão no uso dos sinais por parte dos pesquisadores

mostra uma não fluência na língua nativa, incorrendo no erro do processo interacional.

Em analogia, aos papéis teatrais as pessoas em Goffman (1982), assumem diferentes papéis e representam diferentes tramas nas interações sociais. Esses códigos são interpretados pelos demais sujeitos envolvidos na trama, mas nem sempre são interpretados com sucesso, pois entendimento deles depende dos outros envolvidos e da história de vida de cada um desses.

Quando a interação incorre no erro Goffman (1982) recorre ao Blooper, mencionado acima, que pode ser transposto como o registro visual dessas ações e falhas, para analisar a utilidade daquele erro para os seres humanos em geral. Análogo a isso, os momentos de sinalização do EU e MEU; INTELIGÊNCIA e CULTURA correspondem aos *bloopers* da interação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Estes só foram perceptíveis através das posteriores análises das filmagens das entrevistas com os surdos Alfas da rede comunicativa. Como recuso metodológico para análise dos dados visuais foi utilizado o programa, através deste, foi possível acelerar ou desacelerar as entrevistas ocorridas entre os surdos e os pesquisadores envolvidos.

Nadel (1987) aponta a importância do domínio da Língua da comunidade pesquisada para o sucesso da pesquisa científica, todavia essa limitação linguística, que a princípio parece um impasse metodológico, apresentou-se como instrumento para as análises dos discursos dos usuários da LIBRAS. Assim, foi possível mapear os momentos em que eram utilizados o Bimodalismo e gestos por parte dos participantes da pesquisa. Em alguns momentos a interação ocorria em LIBRAS, contudo quando o surdo notava que o entrevistador não tinha domínio da língua de sinais ele utilizava o Bimodalismo, datilologia ou falava em português. Ações emergenciais para se obter o sucesso interacional.

Em outras situações interacionais no momento da entrevista, eram utilizados gestos e língua oral simultaneamente, por parte dos pesquisadores. Esta última, corresponderiam a uma flexibilização linguística do ato comunicativo, de forma que ao se tentar utilizar ambas as línguas (LIBRAS e Português). Esta ação incorria-se em uma falha no processo comunicativo, onde o receptor não entendia o que estava sendo dito no discurso mobilizado.

O conteúdo da resposta formulada, então, era adverso a intenção do questionamento do emissor. Esse processo da ação interacional foi interpretado como uma maneira retomar automaticamente a quebra das expectativas linguísticas. Essas situações mostram uma negociação no processo interacional entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, em que as interações incorriam em um erro, mas também em uma mudança de regras na comunicação para que houvesse o entendimento do emissor e do receptor no processo interacional.

Mesmo que a não fluência na Língua nativa pudesse ser um limitador na interação em campo, optou-se por não se utilizar um informante ou um intérprete da LIBRAS, por entendermos que a interpretação passa pela subjetividade da pessoa que está interpretando. Essa situação pode ocasionar em uma mudança de sentido ou da conotação do que se pretende compreender com as indagações sinalizadas.

4. Interações no Campo

A pesquisa etnográfica do projeto fundamentou-se na análise dos discursos e das performances dos surdos, a fim de mapear os códigos linguísticos que possuem relevância linguística para uma cultura surda, e como são desempenhadas as interações sociais no município da Viçosa (MG). Através das entrevistas com os usuários da LIBRAS percebeu-se que na cidade as interações ocorrem no espaço das redes sociais. Os surdos da cidade se encontram em diferentes espaços para conversar em Língua de Sinais. Não existe aqui, um ponto fixo como bares, praças, associações e clubes de surdos, o que impossibilita classificar estes surdos enquanto grupo, comunidade ou quase grupo (FELDEMAN-BIANCO, 2006). Por isto, estudamos os surdos no espaço da Rede Social, o qual foi intitulado, Rede Comunicativa Surda.. Sabendo-se disso foi mais viável desempenhar a observação dos surdos Alfas, os quais participam da rede de Surdos de Viçosa.

.A partir da continuidade das observações participantes e em posse das entrevistas e dos cadernos de campo, foi possível realizar uma rede comunicativa, envolvendo as pessoas surdas de Viçosa. De acordo com os estudos de Barnes (1987) acerca das redes sociais e o desenvolvimento do estudo etnográfico, foi elaborado um quadro. Este teve como intuito o mapeamento de “pontos Alfas”, representados pelos três sujeitos surdos considerados líderes na cidade de Viçosa. A partir deles foram delimitados os principais nós da rede de interação social, que se interligam aos demais nós, representados por outros surdos usuários da LIBRAS. Nossos informantes de campo surdos foram os “Alfas” dessa rede comunicativa.

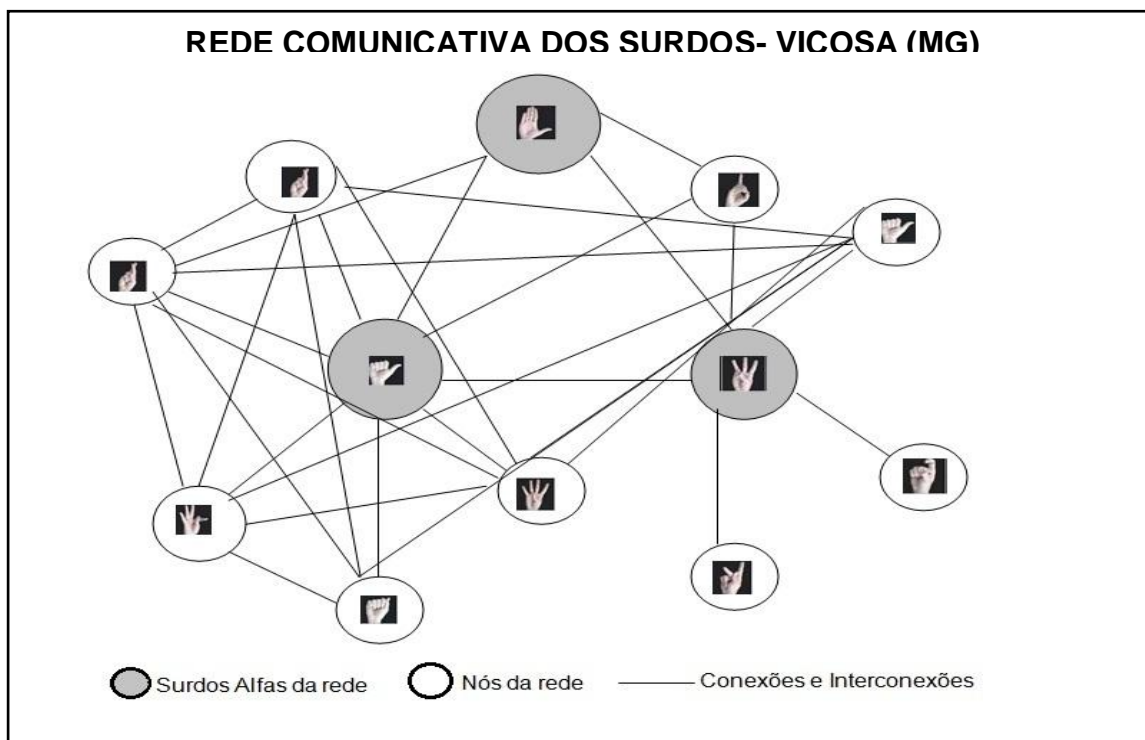


Figura 4. Rede comunicativa dos Surdos de Viçosa

Torna-se possível estudar as conexões entre os nós e a forma como estes desempenham as relações face a face (GOFFMAN, 1998), a partir de um contexto socio-cultural. Os estudos da Antropologia e da Sociolinguística contribuem para redimensionar o conceito de redes sociais, transpondo-o para o campo da linguística e, dessa forma, possibilitando o desenvolvimento da noção de redes comunicativas entre sujeitos em contextos diferenciados.

5.LÍNGUA

De acordo com os estudos linguísticos os seres humanos possuem aquilo que seria considerado como línguas naturais. Estas são uma faculdade da condição humana para poder se comunicar e estabelecer relações com outros sujeitos, as línguas humanas possuem então, normas estudadas e explicadas pelos linguistas (DURANTI, 1997). Embora uma pessoa nativa, usuária da língua, não tenha conhecimento das regras linguísticas, ela é capaz de elucidar uma mensagem em um determinado contexto, e ser compreendida pelos demais (GUMPERZ, 1987). Por isso, para além da forma da língua é preciso atentar ao conteúdo, contextualizando a sintaxe e a pragmática envolvida na narrativa.

Nesse contexto a Língua Brasileira de Sinais pode ser considerada como uma língua natural Surda, por possuir uma morfologia, uma fonologia e uma sintaxe própria, que configuram as línguas espaciais-visuais (GESSER, 2009). Além disso, tanto a norma gramatical quanto o conteúdo da mensagem são construídos e elucidados de acordo com as especificidades culturais das pessoas surdas.

Torna-se relevante, ainda, levantar a discussão da surdez enquanto uma especificidade cultural e não como uma disfunção do corpo fisiológico, como tratado pelas ciências Biológicas e da Saúde. Como já mencionado por Diniz (2003), o uso da Língua de Sinais não é um atraso do processo cognitivo das pessoas surdas, mas uma língua que possui uma “complexidade” linguística assim como as línguas orais.

O estudo linguístico das línguas espaço-visuais teve início com Stokoe, na década de 1960. A partir desse estudioso, que se dedicou à gramática da Língua de Sinais Americana – ASL, um conjunto de concepções foi desmistificado: a respeito da universalidade da Língua de Sinais, a naturalidade linguística, a complexidade gramatical, além de apontar para as variações de acordo com a cultura de cada população. Dermarcou-se, assim, três unidades

mínimas que constroem a fonologia do Sinal, sendo estas: Locação - L, Configuração de Mão - CM e Movimento - M. Posterior a isso, houve avanços nos estudos linguísticos, autores como Klima e Bellugue, na década de 1970, uniram-se aos estudos de Stokoe e acrescentaram mais duas unidades mínimas: Orientação- Or e Expressões Não Manuais- ENM (QUADROS & KARNOPP, 2004). A estrutura fonológica dos sinais é, portanto, composta atualmente por cinco unidades mínimas: Configuração de Mão, Locação, Movimento, Orientação e Expressões Corporais Faciais. Sabendo disso, identifica-se que a LIBRAS não se trata, então, de uma pantomima ou de uma mímica (GESSER, 2009).

Na Língua de Sinais, percebe-se uma diferenciação na construção de sua estrutura linguística e gramatical, a qual deve ser considerada para a realização de um feedback efetivo (GOFFMAN, 1998). Pesquisas na área da linguística, tais como, Brito (1993) e Quadros e Karnopp (2004), demonstram que os sinais da LIBRAS são constituídos a partir de diferentes configurações de mãos, expressões faciais e corporais. Estas unidades mínimas da Língua ao serem combinadas, passam a ter uma significância, ou seja, esses códigos compõem os sinais e estes são significados no contexto do discurso. Desse modo, os sinais têm um lugar específico no corpo para sua realização, isto é, na parte superior, ocupando o espaço da cintura até a cabeça. Em analogia com as línguas orais auditivas, cada sinal corresponde a uma palavra, apesar destes não terem ligação ou semelhança com a língua portuguesa (GEDIEL, 2010).

Os sinais, conforme Quadros & Karnopp (2004), não são necessariamente icônicos, ou seja, não utilizam uma mímica correspondente à forma como os seres humanos percebem os objetos. Além disso, os sinais não são uma reprodução das palavras em português, a morfologia destes, é muitas vezes, arbitrária às línguas orais auditivas. A gramática da LIBRAS é formada a partir da forma como os Surdos entendem o universo simbólico em que estão inseridos, significando-os de acordo com os códigos de uma Língua espacial visual.

A língua é um importante fator de uma cultura, tendo em vista que ela é uma forma de representação do mundo social, utilizada no processo de

interação entre os indivíduos. A partir da primeira metade do século XX, em uma perspectiva histórica, a língua passa a ser considerada como uma questão teórica central e indispensável na Antropologia (DURANTI, 2001). Nesta perspectiva, a Antropologia Linguística passou a ser vista como uma área que investiga as funções das línguas nas comunidades, em âmbito nacional e em interações cross-culturais. Ela se distingue de perspectivas puramente linguísticas por dialogar com fatores sociais e culturais, que levam às pessoas a fazerem uso da língua para compartilhar informações e caracterizar a realidade social, além de contribuir para (dis)funções comunicativas da vida em comunidade (DURANTI, 2001).

O estudo da língua, através de uma perspectiva antropológica, está preocupado com a forma como as palavras são mobilizadas nas ações performáticas, influenciando na estrutura gramatical e nas performances da fala. Duranti (2001) ressalta acerca da Agency da/na língua, a partir do empoderamento da fala desempenhado em contextos microssociais. Conforme as discussões trazidas por este autor a Língua é um aspecto essencial da cultura, pois ela é uma forma de representação do mundo social, utilizado no processo de interação entre os indivíduos.

Desse modo, entende-se que os sinais não são somente um fator de extrema importância para a comunicação, mas para a compreensão de mundo desses sujeitos e como eles se identificam e são identificados. Assim como na língua falada, a Língua de Sinais também possuem dinamicidade e sofrem variações geracionais e regionais, que ocorrem por meio da interação face a face dos usuários da língua.

O processo de nomeação é um grande fator da cultura surda, pois, semelhante ao batismo quando a pessoa recebe um sinal ela adquire um status de reconhecimento pela comunidade. Além disso, o nome próprio é uma forma de separação entre o nome em português e o nome da LIBRAS, como qualquer outra palavra, a sua formação e composição também pode sofrer modificação com o processo de interação entre os sujeitos usuários da língua. (HEREDIA, 2007).

Os sinais próprios assim como os sinais que constituem a gramática da LIBRAS, são formados por meio dos cinco parâmetros da Língua de Sinais e

estes não estão dissociados do universo simbólico, no qual os surdos desempenham as performances comunicativas. Além disso, é preciso considerar os fatores sociais como gênero, geração e região. Desse modo, os nomes próprios mapeados na pesquisa foram categorizados de acordo com faixa etária e o gênero para podermos correlacionar estes dados com a morfologia dos sinais próprios.

De acordo com a definição linguística de Quadros e Karnopp (2004) a respeito da Língua de Sinais, a fonologia é a área do conhecimento que se atém às explicações sobre a formação dos sinais, sendo esta o estudo de como as unidades mínimas são significadas quando combinadas conjuntamente. A significação dos sinais é analisada, por essa linha de pesquisa, a partir da relação e interrelação entre os pares mínimos que formam os morfemas. A morfologia “é o estudo da estrutura interna dos sinais assim como as regras que determinam a sua formação” (QUADROS e KARNOPP, 2004, pág. 86). Ou seja, a esta última cabe o estudo da adição de determinados prefixos ou sufixos que, quando combinados, formam os significados das palavras.

5.1) Questões Básicas da LIBRAS e as definições de língua e linguagem

Cabe aqui fazer uma diferenciação entre as definições de língua e linguagem. A primeira trata-se de um conjunto de palavras que possuem significado para uma comunidade, grupo ou sociedade, além disso, é necessário também haver regras lingüísticas e gramaticais. Embora, nem todos os falantes tenham conhecimento destas regras, eles conseguem estruturar os códigos lingüísticos, de modo que eles fazem sentido para outros. A linguagem seria um conjunto de códigos, símbolos e expressões relacionados as práticas sociais, estas são uma faculdade humano. A linguagem também não necessita de uma regra lingüística e gramatical, é apenas uma faculdade de comunicação humana. (MINUZZ, Crislaine; Fachin, Paulo Cesar; [s.d.]).

Deste modo, a LIBRAS é considerada uma língua, e não uma linguagem, pois ela possui uma estrutura lingüística e gramatical característica

pela sua riqueza e complexidade. (GESSER, 2009). A língua brasileira de sinais possui então classes gramaticais, verbos, concordância, semântica, sintaxe, pragmática, morfologia e fonologia. Diferentemente das línguas espaciais visuais os sinais em LIBRAS corresponderiam as palavras em Português(GEDIEL,2010), e estes tem significado dentro de uma estrutura lingüística e gramatical própria da Língua Brasileira de Sinais.

6.DESCRICÃO ANALÍTICA DA RELIDADE INVESTIGADA

As análises foram divididas em duas seções principais; entretanto, elas são interdependentes para o entendimento do processo de nominação: 1) questões relacionadas à forma dos Sinais Próprios, a partir das influências sócio-culturais, 2) discussão, por meio da Antropologia Fenomenológica, do processo de formação dos Sinais Próprios dos surdos que integram a rede comunicativa em Viçosa.

De acordo com os parâmetros da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e os estudos Linguísticos desenvolvidos por Quadros e Karnopp (2004), foi possível mapear e construir quadros os sinais próprios, de acordo com a sua sua fonologia.

A área da Antropologia Linguística possibilitou analisar a forma dos Sinais de acordo com as influências culturais de cada surdo mapeado (ver quadro 6 no item 6), ressaltando como a cultura dos diferentes sujeitos levam a dinamicidade da Língua em uso.

As contribuições sociolinguísticas, também, nos foram úteis para poder analisar como as interações sociais e as formas de comunicação desenvolvidas em Língua de Sinais demarcam as transformações linguísticas. Volta-se a atenção para a construção dos parâmetros de uma língua a partir das características sociais: como gênero, etnicidade e regionalidade de cada comunicador. Desse modo, Cooker e Gumperz (1997), transpõem os estudos microssociológicos acerca das interações sociais, para o campo Linguístico. Importa-se, então, pensar as normas de uma linguagem: de acordo com a realidade social, com os símbolos demarcadores da identidade de grupo e das convenções comunicativas estabelecidas por determinado grupo. Em consonância a esta linha teórica os surdos foram classificados de acordo com a idade e com o gênero, para poder relacionar com a fonologia dos Sinais Próprios. Abaixo, segue a construção dos quadros que se referem à categorização geracional e à de gênero, consecutivamente:

Numeração dos Surdos			
Surdo	Sinal	Surdo	Sinal
1		7	
2	 a	8	
3		9	
4		10	
5		11	
6		12	

Figura 5. Numeração dos surdos que participam da rede.













Sinais de Pessoas do Sexo Feminino			
			
Sinais de Pessoas do Sexo Masculino			
			
			

Figura 6. Mapeamento de acordo com o sexo

Percebeu-se que as experiências corpóreas indicam na composição fonológica dos sinais próprios de cada pessoa. E, ainda, como as interações desempenhadas através da Língua de Sinais, e o formato de aquisição da primeira língua - L1, e de aprendizagem da segunda língua - L2, influenciam na percepção a respeito da língua e da linguagem de cada sujeito Surdo. Logo, as

interações desempenhadas se relacionam com a forma da Língua de Sinais. Importa considerar as experiências e as vivências de mundo de cada sujeito para compreendermos o processo de criação e (re)significação dos sinais. A linha teórico-metodológica do *embodiment* possibilita compreender o corpo como *Locus Cultural* (CSORDAS, 2008), por meio da correlação entre a cultura as transformações da língua em uso.

Os nomes fazem parte da construção identitária, por isto o estudo dos Sinais como Nomes Próprios é relevante a área da cultura. Nesta perspectiva, a composição fonológica de um nome será de acordo com a estrutura social e a corporalidade dos surdos; assim como a sintaxe de uma língua e as variações linguísticas estão intrinsecamente relacionadas com as experiências e vivências de mundo de um sujeito.



Assim, a partir das análises, observamos como a construção da língua e da linguagem são concomitantes ao processo de percepção da existência surda. Através dessa abordagem compreendemos a essência das particularidades fisiológicas surda na construção de uma estrutura linguística própria, por meio do qual o corpo surdo se percebe e se coloca no mundo em relação aos outros sujeitos.






Neste trabalho foram analisados os discursos dos surdos chaves das redes sociais, para percebermos como as experiências através da LIBRAS, e como essas se relacionam com o processo de criação e significação dos códigos linguísticos, posicionando os sujeitos na rede comunicativa. Esta etapa foi necessária, ainda, para podermos compreender como a teoria do *embodiment* se aplica ao processo de nominação, pois tratamos do entendimento particular de cada surdo, acerca Língua de Sinais, para percebermos a construção do self e o reconhecimento identitário dessas pessoas na rede social.

6.1. Caminhos percorridos pelos Surdos Alfa




Os três surdos Alfas foram apontados nas entrevistas como os “surdos que conhecem muita gente” e que “gostam de ensinar a LIBRAS”. Desses informante é possível notar algumas semelhanças e divergências. Além disso,

vale considerar as biografias e os relatos de experiência linguística, tendo em vista que cada surdo possui uma cultura própria e as experiências e vivências surdas são o nosso campo metodológico. As transformações linguísticas ocorrem por meio das interações face a face (DURANTI,2010), e por isto não podemos ignorar as experiências culturais de cada usuário da língua. O processo de aquisição da L1 e da L2 são aqui apontadas como variáveis relevantes para entender o constituição da Língua de Sinais, o seu uso como compartilhamento linguístico e simbólico com os outros corpos no mundo.

Destaca-se como semelhança entre os surdos chaves o papel central que eles possuem no processo de ensino-aprendizagem da LIBRAS, seja por meio do ministério com Surdos¹⁰, através das relações face a face nos encontros em sua própria casa, ou ainda, por meio da profissão docente. Dos três, o  foi classificado pelos demais usuários da LIBRAS em Viçosa como possuidor da “cultura surda integral” por ter estudado no Instituto Nacional de Ensino de Surdos (INES), uma escola bilíngüe, localizada no Rio de Janeiro, RJ. No INES os surdos têm o ensino da LIBRAS como L1, o português escrito como L2 e o português oral como uma língua optativa, sendo obrigatório na modalidade escrita. Além disso, o  teve o processo de aquisição da Língua de Sinais ainda na infância.




Em contrapartida, os informantes  e  não tiveram a LIBRAS como a L1. A primeira Língua aprendida por eles foi o português, enquanto a Língua de Sinais correspondeu a um processo posterior, que ocorreu por meio das interações e do contato com outros surdos. Destaca-se, ainda, o fato do  ter passado grande parte de sua vida tendo contato apenas com os pais ouvintes, pois estes moravam em um lugar afastado da zona urbana. Em contraposição, o  e o  interagiram em Língua de Sinais mais cedo.

¹⁰ Trate-se do Ministério com Surdos, uma organização interna de uma igreja cristã evangélica, que possui um trabalho organizado por surdos, através do qual se desenvolve o ensino-aprendizagem da LIBRAS para os membros da comunidade religiosa. Ou ainda, pode-se dizer de uma organização interna que percebe os surdos como um povo de cultura própria, que necessita ser “alcançado por Deus” através de um trabalho evangelístico desenvolvido por meio deste (ASSIS, 2010).

Dos três surdos chaves, dois deles tiveram contato direto e indireto com o Instituto Nacional de Ensino de Surdos. Embora o  não tenha estudado no INES, ele teve contato indireto com a formação política e educacional deste instituto, que lhe foi realizado via interação face a face com o . Esta experiência possibilitou ao  conhecer a estrutura linguística e gramatical da LIBRAS. Assim sendo, as experiências particulares de cada surdo com a Língua de Sinais, proporciona uma variedade linguística, que é compartilhada com os demais usuários.

A língua tem a sua forma modificada a partir do compartilhamento linguístico e das especificidades na maneira como cada sujeito experiencia a Língua (DURANTI, 2001). Ressalta-se, também, que o corpo, como dito por Csordas (2008), é o próprio *locus da cultura* e, por isso, um campo metodológico. Conforme já explicitado na metodologia de pesquisa, os acontecimentos de um mesmo episódio podem ser ressignificadas de modos diferentes pelos indivíduos, formando sujeitos culturalmente diferentes.

Os surdos Alfas correspondem aos nós centrais da rede comunicativa de Viçosa, tendo em vista que, por meio deles, foi possível acessar as conexões e as interconexões da rede. Um característica principal dos Alfas é o papel docente desempenhado por eles, referente ao ensino-aprendizagem da LIBRAS, o que leva, conseqüentemente, ao conhecimento de um número elevado de pessoas no município.




O  está frequentemente em contato com outros corpos surdos, por meio do trabalho com alfabetização e letramento em LIBRAS. O  e o  também ensinam a Língua Brasileira de Sinais, todavia, a maior parte dos seus alunos são ouvintes. Dessa maneira, o compartilhamento linguístico e as experiências desses dois últimos é frequentemente realizado através da relação com corpos ouvintes. Logo, não é possível descartar a influência da língua oral na Língua de Sinais, ao entender que, ao mesmo tempo em que o surdo percebe e significa o mundo através da LIBRAS, ele também experiencia a LIBRAS por meio das relações cotidianas.

Além do ensino formal da LIBRAS exercido pela profissão docente desses Surdos há, também, o processo de ensino-aprendizagem informal da língua, ocorrendo a partir das interações entre os nós da rede comunicativa. Nestas interações os surdos Alfas fazem o processo de negociação e estabelecimento da norma padrão da língua em uso. Na interação face a face ocorre a correção da estrutura morfológica, fonética, gramatical, sintática e pragmática (QUADROS & KARNOPP, 2004). A sinalização do modo correto do uso da LIBRAS é feito no processo interacional, em que os Alfas da rede orientam a respeito da forma adequada de estruturar morfossintaticamente o enunciado.

Este fato aponta para as variações na estrutura gramatical da LIBRAS de acordo com os surdos Alfas. Essas correções são feitas frequentemente, durante as interações face a face com outros sujeitos surdos e ouvintes, conforme foi evidenciado nas observações participantes. Essa influência demonstra a mobilidade linguística e a sua influência cultural, o que demarca a riqueza e as variedades linguísticas encontradas em diferentes regiões do país (DURANTI, 2001).

O ensino-aprendizagem da Língua de Sinais, desempenhado pelos surdos Alfas da rede, pode ser classificado de duas formas, dependendo do contexto em que estamos falando: 1) como fonte de renda; 2) como um recurso utilizado para se estabelecer uma interação com as pessoas que não são fluentes em LIBRAS.

No decorrer do trabalho consideraremos as flexibilizações léxicas regionais de cada surdo alfa, que são reproduzidas no ensino, para se analisar a “Agency in/of language”, de acordo com Duranti (2001). Ressalta-se, assim, o

fato de os Surdos  e  viverem a maior parte da sua biografia em Viçosa (MG), diferentemente do , pois ele passou o maior período da sua vida no Rio de Janeiro. A transitoriedade das pessoas entre os estados traz demarcações linguísticas regionais, presentes tanto nas línguas orais-auditivas quanto nas línguas espaço-visuais (GESSER, 2009). Por isso, consideramos as demarcações regionais como uma variável independente no processo de constituição do sinal próprio.

De acordo com Cooks and Gumperzs (1998), ao levar em consideração a identidade social de uma *comunidade da fala*, podemos perceber as divergências linguísticas apenas pelo entendimento do percurso e das especificidades históricas dos usuários da língua. Os estudos Sociolinguísticos devem atentar às mudanças sociais e como estas são impressas nas características específicas das práticas comunicativas. Demonstra-se, então, a necessidade de se considerar as variações históricas e regionais para as análises da estrutura linguística e gramatical.

O processo de mudança social da língua está intrinsecamente relacionado com as especificidades da Língua de Sinais utilizadas pelos surdos no processo interacional. Este, por sua vez, influencia na formação identitária, assim como no comportamento social da rede comunicativa. Por isso, as transformações linguísticas e gramaticais foram analisadas a partir das análises dos Sinais Próprios dos surdos que compõem a rede comunicativa em Viçosa. Do mesmo modo, consideramos as especificidades biográficas de cada surdo para o entendimento da fonologia do Sinal Próprio.

7.A AGÊNCIA DA/NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A perspectiva antropológica dos estudos linguísticos considera como os usuários de uma língua estruturam determinados signos no decorrer das performances discursivas (DURANTI,2001). Os sinais, quando entendidos como códigos significantes de uma estrutura linguística precisam ser, também, analisados no interior de um contexto enunciado (COOKERS E GUMPERZ, 1982). Então, para podermos analisar pragmaticamente os sinais recorreremos à interpretação dos discursos dos surdos Alfas, a fim de compreendermos a estrutura gramatical dos Sinais Próprios, através da perspectiva dos surdos usuários da LIBRAS de Viçosa.

No que se refere à morfologia dos Sinais Próprios investigados, oito tem o sinal formado pela datilologia. Segundo Quadros (2004), de acordo com Brentani e Padden (2001), o léxico da Língua de Sinais é formado da seguinte maneira:

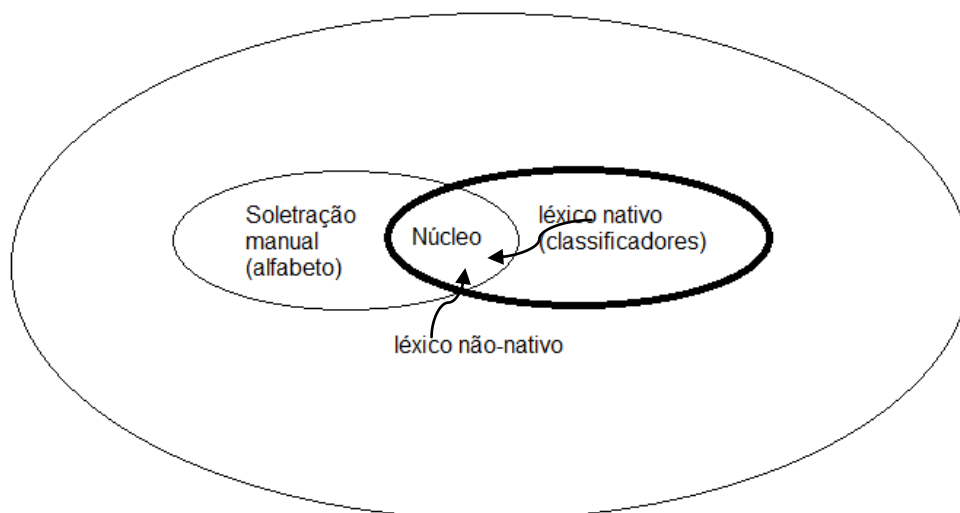
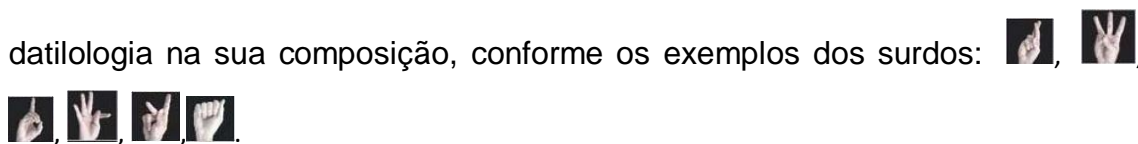



Figura 7. Léxico das Línguas de Sinais


De acordo com o diagrama acima a parte em negrito representaria o léxico nativo das línguas espaço-visuais, enquanto a outra faz referência às línguas orais-auditivas. A interligação ocorre quando há um empréstimo linguístico de uma língua oral para a formação de um sinal (QUADROS, 2004). (QUADROS, 2004) considera a representação da ortografia em português e a incorporação de códigos lexicais das Línguas orais-auditivas como a periferia do léxico gramatical das línguas visuais-espaciais. Quando tratamos dos sinais próprios em LIBRAS do município de Viçosa, a maior parte deles possui a datilologia na sua composição, conforme os exemplos dos surdos:




Na entrevista que os pesquisadores perguntaram ao surdo  se era correto um sinal próprio ter letras, ele respondeu que a letra demarcava a influência da Língua Portuguesa e que a LIBRAS é uma língua própria. Em seu discurso, ainda, relatou sobre as transformações linguísticas sofridas na morfologia e na fonética dos sinais próprios. De acordo com este surdo Alfa antes era comum ter letras no nome, chegou a citar o exemplo do seu próprio

nome, entretando, com as transformações na comunidade surda não se usava mais. Conforme as entrevistas com estes surdos a formação de sinal parte da forma como um surdo percebe uma pessoa, e, assim, ele vai escolher um sinal que o representa.

O nome formado a partir da percepção dos surdos, os quais possuem a LIBRAS como L1, demonstra que a fonologia dos sinais se dá a partir do léxico nativo, ou seja, a partir dos classificadores para formar os sinais nativos dos surdos. A fonologia dos Sinais Próprios, então, passa a assumir um significado a partir do momento em que as unidades mínimas dos sinais compõe são combinadas, desta maneira forma-se o sinal. Por meio deste, a pessoa se reconhece e é reconhecida pelos demais usuários da LIBRAS.


Ao perguntarmos para o  se um surdo poderia modificar o sinal, a resposta foi negativa, pois é por meio do sinal próprio que os surdos brasileiros reconhecerão a pessoa. Durante as observações participantes obtivemos informações de pessoas, as quais não gostavam do seu Sinal Próprio e queriam modificá-los, contudo, um surdo lhes respondeu que não era possível.

Durante a entrada em campo foram registrados dois casos particulares de Sinais Próprios. O primeiro deles se refere ao surdo com dois sinais, a morfologia deste está relacionada à característica física, pois ele havia sofrido um acidente na perna direita, logo, a locação do o seu sinal era abaixo do joelho. Posterior ao acontecimento, este surdo recebeu outro sinal, que também se referia à perna, entretanto, a locação era no dedo indicador. O outro caso é de um surdo que não gostava do sinal e havia pedido para mudá-lo, pois o significado atribuído era de acordo com uma deficiência motora dele, no entanto, não foi possível modificar.

De acordo com , no primeiro caso o sinal mudou porque os sinais que eram abaixo do tronco tendem uma transformação fonética. Um dos motivos dessa mudança é decorrente das interpretações na televisão, que somente mostram a parte superior do tronco. Assim, os sinais que antes eram realizados abaixo do tronco, tendem a mudar o parâmetro da locação, sendo sinalizados da cintura para cima. Podemos afirmar que as transformações na fonologia da Língua de Sinais, também, tendem a se repetir na fonologia dos

Sinais Próprios das pessoas surdas, pois de acordo com o Duranti (2007), as normas de uma língua são estabelecidas nas próprias relações face a face. “In other words, although grammars have partly a logic of their own, it is important to uncover how much of that logic is intrinsic in the grammatical phenomena and how much of it is a product of other kinds of factors” (DURANTI, 2007, pág. 213). Do mesmo modo as transformações dos sinais próprios é realizado de acordo com a norma gramatical da língua em uso.

Os Sinais Próprios que são formados a partir das unidades mínimas do léxico nativo em sua forma, tendem a ser dados por surdos que fazem mais uso de classificadores. Em contraposição a isto, os surdos que fazem maior uso soletração rítmica¹¹ e incorporam o alfabeto datilológico nas performances do discurso tendem a incorporar a datilologia na forma do Sinal Próprio. Neste último caso, é comum a formação do sinal conter a primeira letra do nome em Português. Destaca-se, assim, um “empréstimo” da morfologia e da fonologia do português para poder formar o sinal.

A influência do português também está presente na relação com a fonética da Língua Portuguesa, na qual as unidades mínimas de som da língua oral são reproduzidas nos Parâmetros da Língua de Sinais. Como exemplo, apresentamos o sinal de uma pessoa não integrante da rede comunicativa de Viçosa, todavia cabe citá-la para fins ilustrativos. O sinal da pessoa tem a configuração de mão  Locação no espaço neutro e o movimento de tocar os dedos no polegar, abrindo e fechando a mão duas vezes. Este sinal foi atribuído em analogia a onomatopéia do pato, pois ouvintes faziam piadas com a sonoridade da voz desse sujeito. Isso demarca a influência das unidades mínimas de som em português, pois reproduziu-se com as mãos o movimento que as pessoas fazem com os lábios para se referirem ao som emitido pelo animal.

A questão levantada por Quadros e Karnopp (2004), é a respeito das limitações dos estudos linguísticos para analisar as Línguas de Sinais, pois pesquisas relacionadas às línguas espaço-visuais são, ainda, recentes. Por isso, muitas vezes, são utilizadas categorias das línguas orais-auditivas, que

¹¹ Soletração rítmica corresponde a uma sinalização derivada da datilologia da palavra

nem sempre conseguem explicar a totalidade e a “complexidade” da LIBRAS. Quando consideramos as Línguas de Sinais, não podemos esquecer a dinamicidade dessa quando está em uso, estabelecendo de maneira espontânea as regras e as normas comunicativas. Por isso, dizemos que as interações face a face interferem na fonologia da língua, assim como na linguagem dos seus usuários. Não é possível esquecer, ainda, que os surdos são sujeitos minoritários que estão inseridos em um universo simbólico majoritário ouvinte; desse modo, as relações e o contato desempenhado com as línguas orais é quase que inevitável. Assim, a incorporação de determinadas unidades, como a datilologia e os fonemas, tornam-se praticamente inevitável na formação dos sinais da LIBRAS.

7.1. Forma Padrão da Língua de Sinais em Uso no Município de Viçosa

A pesquisa considerou os surdos da região, participantes das atividades cotidianas da cidade de Viçosa. Isso decorre do fato de Viçosa (MG) não possuir uma comunidade de surdos e sim uma rede comunicativa, que é conectada pela comunicação em LIBRAS. Além disto, enfatiza-se a característica sócio-econômica de Viçosa, como um fator atrativo para o constate fluxo de pessoas. O município é classificado como uma cidade universitária com 85 mil habitantes, destes 15 contabilizados como população flutuante. Além disso, as pessoas da região frequentam o município de Viçosa por questões profissionais, e, também, para desempenharem atividades da vida cotidiana, como ir ao banco ou à escola.

A partir das observações participantes e das análises dos discursos dos surdos foi possível perceber a influência de outras línguas na fonologia. As variações fonológicas da língua tende a ser menor quando estão em maior contato com seus pares. Neste contexto, encontra-se com maior frequência os Sinais Próprios que possuem unidades mínimas naturais surdas e não da representação da língua oral. De acordo com Gumperz (1982) a Língua Nativa tende sobrepor-se a outras línguas aprendidas, como uma forma de marcação identitária. A segunda língua passa a ter marcações em sua estrutura, que remetem a etnicidade de um determinado falante.

Duranti (1997) aponta o conceito de agency da/na língua e este tem como abordagem a performance da fala em determinadas situações sociais, visto que estas contribuem para a construção morfossintática de uma sentença. A norma de uma língua não é necessariamente calculada por atores, ela está intimamente ligada com o pensamento de um grupo e com as expectativas geradas através das interpretações de determinadas linguagens do corpo em situações sociais específicas. Assim, torna-se impossível dissociar a fonologia de uma estrutura gramatical das questões relacionadas às interpretações microsociais de agência do corpo. As relações sociais são responsáveis por criar e transformar o conteúdo e a forma de uma língua em agência.

A sociolinguística chama a atenção, ainda, para o uso de variáveis sociais como um modo de explicar as variações da língua padrão.

Pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território (Calvet, 2002, pág.89).

Através dos Sinais Próprios mapeados foi possível correlacionar a morfologia e a fonética destes com a região de cada pessoa integrante da rede comunicativa de Viçosa (MG). Fez-se isso por se entender que em todas as línguas há diferentes códigos linguísticos para se elucidar um mesmo conteúdo (CALVET, 2002). Em diferentes pontos do território onde se fala a mesma língua, podem existir léxicos e pronúncias variadas. As línguas visuo-espaciais se configuram do mesmo modo e a partir da compreensão acerca do léxico de cada sujeito que compõem os nós das redes. Partimos, então, do pressuposto que as modificações mínimas na CM; L; M; ENM e Or podem ser compreendidas como uma variação léxica da Língua Brasileira de Sinais.

Na rede comunicativa viu-se que os surdos (numerados no figura.5 do capítulo 6) tal como 2,4,14 possuem CM com o uso de classificadores. O surdo 3 possui CM correspondente a letra B do alfabeto datilológico. Todos os demais nomes possuem a fonética composta por letras do alfabeto datilológico e, além disso, essa configuração de mão representa a primeira letra do nome

em português das pessoas, diferente do 3, que não corresponde ao nome em Língua Portuguesa.




Os movimentos são significados de acordo com uma característica visual do corpo da pessoa. Assim os sinais 5, 9 e 10 possuem o mesmo M e fazem referência ao cabelo das mulheres, trata-se de uma marcação própria do gênero feminino. Os sinais 2,4,8,6 são significados a partir de uma característica física do corpo da pessoa, sendo elas marcas de nascença, pinta ou cova no queixo. O movimento de mão do Sinal Próprio do surdo 3 faz referência a personalidade da pessoa, que é o fato de usar muitos classificadores para poder se comunicar, enfatiza-se neste sinal, em específico, o fato da L ser na boca. Por último, os sinais 7 e 8 o CM na bochecha, com frequência de duas vezes, associado a CM em D faz referência a fonética do apelido em Português. O surdo 8 de igual modo é uma representação do nome próprio em português. Torna-se possível agrupar e caracterizar esses sinais em três diferentes tipos:

Morfemas formados a partir de uma característica física	Morfemas formados a partir de uma característica subjetiva	Morfemas formados exclusivamente a partir dos nomes próprios em Língua Portuguesa
1, 2, 4,5,6,9,11,12	3,	7,8,10

Figura 8. Tipologia dos Sinais Próprios

A partir da rede comunicativa percebe-se que os surdos 12 e 2 residem em Viçosa, mas a sua vivência foi em outro estado e a surda 4 nasceu e morou a maior parte da sua vida na capital de Minas Gerais. Os demais são oriundos de Viçosa e das cidades vizinhas, de característica sócioeconômica rural. Os três surdos que possuem a fonética do sinal próprio construído a partir do léxico das línguas espaciais-visuais não são de origem viçosense. Enquanto os surdos de Viçosa e região têm a unidade mínima do sinal construída a partir da ortografia do alfabeto das línguas orais-auditivas.

Nota-se, assim, uma forte influência das línguas orais-auditivas na forma dos Sinais Próprios dos surdos de Viçosa, (MG). A influência do português situa-se, ainda, no conteúdo do discurso de um dos surdos alfas mapeados. Este tende a utilizar o que é chamado de Português Sinalizado, reproduzindo a estrutura morfossintática do Português na Língua de Sinais. Por sua vez, os

outros dois surdos Alfas,  e , descreveram a existência de muitos sinais que correspondem a uma soletração rítmica. O surdo Alfa  utiliza uma Língua de Sinais que pode ser marcada como um léxico regional do estado do Rio de Janeiro, como por exemplo, a palavra Rio de Janeiro. Além das variações interestaduais na língua, nota-se uma variação no uso da língua pelos sujeitos que possuem maior contato com os falantes da Língua Portuguesa. Desse modo, nota-se, além das variações que marcam as regionalidades, as pequenas modificações nas unidades mínimas dos sinais delimitantes das relações interétnicas da Língua de Sinais em uso.

7.1.1. O empoderamento da Língua nas interações sociais




Como não há uma comunidade da fala organizada em Viçosa, as negociações acerca da norma da língua são constantes até chegar a um consenso para poder estabelecer a ação comunicativa. Nesse contexto, ocorre uma disputa pelo empoderamento da agência da língua, a forma e a estrutura gramatical da LIBRAS utilizada em Viçosa.



As performances de poder de agência tornam-se presentes na representação no discurso dos surdos chaves, em que os sinais são utilizados como uma maneira de legitimar o discurso. A disputa pela força da norma vigente no campo linguístico da uma rede comunicativa, será desenvolvida por meio de estratégias criadoras de possíveis códigos interpretados em um contexto social. A negociação linguística é, também, uma disputa interétnica e regional ocorrida entre os nós, por meio das conexões e interconexões da rede.

This negotiation itself serves to redefine the situations in the light of ongoing social and political change. In the absence of norms, we work at creating new ones. The conventionalization of the negotiating strategies appears to be way of normalizing relationships, of encoding social information necessary to know to speak to someone (and with language to speak is but one aspect of this), Macro level events, then, have had a direct effect upon people's communicative strategies (HELLER, 1982, p.180).

De acordo com Buttler (2000), a vigência de uma norma materializada e afirmada na estrutura do discurso, assim as palavras são denotadas por um

imperativo de poder. Resgata-se, ainda, a noção foucaulteana de poder. Este é entendido através da relação existente entre o controle do corpo e a resistência do sujeito. O controle é reproduzido e representado através da manutenção das normas dos discursos vigentes, os sinais não são realizados ao acaso, mas passam a ter significância moral no interior de um contexto social.


A fonética dos Sinais Próprios representam uma situação de prestígio e de estilística da língua nas interações desempenhadas pelos surdos da rede comunicativa. Em uma das entrevistas com , ele relata uma transformações históricas da forma da morfologia dos Sinais Próprios. De acordo com este surdo, não se utiliza mais a datilologia para a formação dos sinais próprios, pois essa característica demarca a influência do Português na Língua de Sinais. O sinal próprio, de acordo com o , deve obedecer a estrutura gramatical que é própria da LIBRAS. A transformação diacrônica da forma dos sinais próprios pode ser relacionada com outro momento na entrevista, no qual o mesmo surdo fala a respeito das modificações na maneira como é ensinada a Língua de Sinais. De acordo com o , para o processo de ensino-aprendizagem da língua seriam utilizados classificadores e teatros e não mais a soletração das palavras e sinalização.

Há uma divergência entre os pontos Alfas da rede quanto à norma do Sinal Próprio, pois o surdo  faz uso da datilologia na formação dos Sinais Próprios. Geralmente, os sinais fazem referência ao nome em Português das pessoas. O , embora faça utilize a CM da datilologia para a formação dos Sinais Próprios, estes não se relacionam com o nome em Português das pessoas.





Os surdos Alfas trabalham com o ensino-apredizagem da LIBRAS, possuem maior número de conexões com os demais pontos e, conseqüentemente, maior influência sobre a criação e reprodução de uma norma linguística e, por isso, são um nó de poder da rede comunicativa. De acordo com Gumperzs (1974), as constituições das multiplicidades linguísticas variam em termos das relações sociais que elas normalmente simbolizam. Assim, o entendimento acerca da Língua de Sinais, no município de Viçosa,

tende a se formar de acordo com as disputas de poder e a flexibilização linguística da norma. Esse processo possibilita a criação de novos códigos linguísticos, para que haja o entendimento da mensagem nas interações entre os pontos da rede.

Desse modo, a soletração rítmica, os classificadores e o uso da datilologia, tendem a criar sinais híbridos e formar novas normas linguísticas no decorrer do processo interacional. Assim, mesmo que, inicialmente, haja uma demarcação da regionalidade da Língua de Sinais da rede comunicativa, não é possível apontar para uma forma padrão da língua em uso. Isso ocorre, principalmente, por não haver uma comunidade da fala e sim uma rede comunicativa. A disputa pelo empoderamento da língua irá ocorrer entre as conexões e interconexões, e não entre grupos ou comunidades linguísticas estabelecidas.

As variações linguísticas estão presentes, também, na sintaxe das frases formuladas a partir das interações face a face. Tem-se como exemplo a sentença: “O surdo está sozinho em casa”. Essa frase foi formulada em contextos diferentes com dois dos surdos alfas. O primeiro surdo alfa entrevistado na sala do departamento de Letras da Universidade formulou a frase pela aglutinação do sinal SOZINHO+CASA. Em outra entrevista, na casa de outro surdo chave, primeiramente, foi feito o sinal de só, depois o sinal de casa. E ele nos corrigindo quando aglutimos o sinal de sozinho e casa. Segundo este último não se usava o sinal de sozinho para poder se referir a facultade de estar só, de ser uma pessoa solitária. De acordo com o surdo , este sinal teria que ser usado para dizer que uma pessoa desempenha uma atividade só. Referiu, também, que a palavra era a mesma, mas assumia um significado diferente, dependendo do contexto.

Na experiência em campo foi possível mapear uma variedade linguística, de acordo com as observações participantes e as entrevistas realizadas com os surdos. Assim, a sinalização desempenhada em um contexto poderia ser considerado errado por outro surdo em outro momento, haja vista que não há um consenso entre eles sobre a norma padrão da língua. Como exemplo, a situação observada, quando o entrevistador sinalizou a frase “SOZINHO-CASA”, que em português poderia ser traduzido para “sozinho em casa”. A

construção frasal foi realizada com o sinal SOZINHO (CM=  L= Espaço Neutro M= circular) aglutinado ao sinal CASA (CM=  L=Espaço Neutro M=Sem Movimento). Ao realizar esta mesma frase em outra entrevista, foi corrigida pelo surdo, que sinalizou da seguinte forma: o sinal SÓ (CM=  L=Espaço Neutro M=Empurrando o dedo Médio duas vezes Orientação= Para Frente) e depois o sinal de CASA (CM=  L=Espaço Neutro M= de contato, simples para, o centro).

Do mesmo modo os diferentes discursos mobilizados sobre os Surdos Alfas acerca da norma padrão dos sinais próprios, demarcam a posição de status e de prestígio dos surdos, pois eles são percebidos pelos outros surdos chaves como pessoas que não tem compreensão sobre a Língua de Sinais na formação da cultura Surda. Afirma-se que a padronização das normas fonéticas e morfológicas dos sinais segue duas linhas, de acordo com a realidade estudada: 1) continuidade histórica de formação dos sinais, com o uso da datilologia 2) a ruptura com as línguas orais-auditivas, pela formação dos sinais a partir do léxico das línguas visuais-espaciais. A reprodução das normas da forma dos Sinais Próprios tendem a materializar os códigos e as estruturas linguísticas, as quais se tornarão vigentes no município, por meio das regras gramaticais criadas na/com as interações face a face.

8. Corporalidade e a Forma de Constituição do Sinal

Este tópico é uma descrição densa acerca da percepção dos sujeitos e do desenvolvimento do processo de nomeação. Os dados foram coletados a partir das interações face a face envolvendo pesquisadores e os surdos Alfas que nominam as pessoas no município de Viçosa. Para tanto, foram utilizados os diários de campo, no qual os pesquisadores envolvidos na pesquisa puderam registrar e observar as vivências surdas por meio da Língua de Sinais.

A partir das contribuições da Teoria de Thomas Csordas acerca da constituição do corpo e aplicando-as aos estudos da LIBRAS podemos dizer que: as constituições lexicais de uma língua, antes de ser um fator puramente linguístico, são também uma construção que parte da significação do corpo histórico-social. Os códigos gramaticais de uma língua são, então, uma forma específica vivenciada pelo sujeito, os quais atribuem um sentido ao ser no mundo por meio da significação e a morfologia das estruturas linguísticas e gramaticais. O compartilhamento linguístico e as interações sociais são, assim, um modo partilhar a (re)significação do universo simbólico experienciados com os outros corpos no mundo. Por isso, para a análise os códigos linguísticos referentes aos Sinais como Nomes Próprios das pessoas foi preciso considerar as construções sociais de: gênero, geração e regionalidade de cada sujeito surdo, e a sua influência no imperativo discursivo das LIBRAS. Para análise e discussão destes dados o uso dos teóricos do *embodiment* (CSORDAS, 2010; Ponty, 2006; Foucault, 2011) e também as contribuições teóricas da Butler.

Através das observações de campo verificou-se, que o número de mulheres integrantes da rede comunicativa corresponde, a metade dos homens. A partir análise das conexões e interconexões, percebeu-se uma menor ligação das mulheres com os demais nós. Além disso, há um padrão quanto à forma dos sinais que representam as mulheres da rede. Este

caracteriza-se pelo uso da datilologia, correspondente aos nomes próprios na língua oral auditiva e o movimento remetendo ao cabelo das mulheres.

Essas percepções tornam-se relevantes uma vez a formação dos sinais é uma codificação e, por sua vez, representa uma significação da condição de existência do ser/estar no mundo deste sujeito. Judith Butler ao discutir acerca da materialidade dos corpos levanta o seguinte ponto: “(...) O entendimento da performatividade não como um ato pelo qual o sujeito traz a existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange.” (Buttler,2000,p.115.)

Embora a Butler esteja se referindo a reformulação da materialidade dos corpos para falar do sexo, ou seja, como as categorias do sexo incorporadas no discurso político contrõe os sujeitos, podemos pensar que se o discurso é capaz de normatizar o sexo, que é uma prática social do corpo, ele também tem o poder de normatizar outras relações do sujeito. A partir desta contribuição teórica que relaciona normas discursivas com as práticas sociais do corpo, estaremos pensando a construção dos sinais como nomes próprios.

Percebemos durante o período de coleta de dados como a constituição biográfica do corpo se relaciona com a experiência e vivência da Língua Sinais¹². Desse modo, tornasse possível afirmar que a construção dos códigos linguísticos e dos símbolos formam as características identitárias de uma determinada cultura linguística. É preciso compreender como o pensamento linguístico e as performances da linguagem se integram formando uma via de mão dupla, na qual uma não pode coexistir de maneira independente da outra. Logo, a reiteração e materialização do discurso é a forma de codificar e (re)significar um mundo experienciado pelo sujeito.

Quando entendemos essa concepção acerca da construção linguística dos seres, conseguimos compreender como se dão as transformações linguísticas nas práticas discursivas. De acordo com Csordas(2010) novos códigos são criados a partir da (re)significação de estruturas macrosociais em

¹² Neste trecho tentamos relacionar a teoria de Thomas Csordas acerca do corpo enquanto *Locus Cultural* para podermos pensar na construção de códigos linguísticos por meio do corpo.

que o sujeito está inserido, e por meio de um contexto microssocial, no qual as percepções humanas estão relacionadas com as experiências de um universo simbólico pré-objetivo. E estas são compartilhadas com outros sujeitos por meio das interações face a face.

As diferentes fonologias constituintes dos sinais próprios surdos são uma forma de compartilhamento e entendimento de mundo destes sujeitos. Por isso, novas unidades mínimas são a todo tempo criadas e modificadas pelos sujeitos que vivenciam a língua de sinais¹³. Desse modo, as construções léxicais das línguas espaciais visuais são uma faculdade significativa da existência humana, e a formação de códigos linguísticos compartilhados é um modo de materialização dos sujeitos num universo simbólico.

De acordo com a teoria de Csordas (2010) compreendemos o corpo surdo como um campo metodológico, tendo em vista que o corpo é um *locus* cultural. Este é criado a partir do compartilhamento da linguagem com os outros corpos em interação. Cada corpo possui uma biografia, uma história e uma cultura que é construída a partir das experiências e vivências corpóreas, concomitantemente, com reprodução cultural de um universo simbólico de uma estrutura social que é anterior ao corpo sujeito.

Duranti (2007) levanta a questão de como a própria estrutura linguística, gramatical, a pragmática e sintática de uma língua são organizadas no decorrer da fala e como esta desempenha uma ação e um significado social. Tendo em vista ainda a não separação entre a mente e o corpo, utilizada pelos teóricos do *embodiment*, é possível dizer que a morfologia imaginária e a codificação do mundo vivenciado é (re)significada pela percepção dos surdos, estas, também presentes na prática de nomeação. Por isso, os sinais além de garantir uma identidade surda posicionam e reiteram esse sujeito no interior de um universo discursivo.

O processo de nomeação dos surdos gera conflitos e as divergências. Observamos essa ação como política, pois envolve o processo de negociação da norma linguística vigente no processo interacional. Assim, em uma rede onde não há estabelecido um consenso sobre as normas linguísticas, há uma

¹³ Ver o capítulo da Língua no qual é trabalhado a definição de unidades mínimas da LIBRAS

constante tensão quanto ao processo de criação dos sinais próprios. Este foi verificada a partir da comparação dos discursos sobre a criação dos sinais desenvolvida pelos três surdos alfas da rede comunicativa de Viçosa.

A estrutura linguística de uma cultura não está dissociada da fenomenologia corpórea, pelo contrário a estrutura gramatical, a linguagem e os significados atribuídos a uma palavra estão intrinsecamente ligados à forma como os sujeitos experienciam o mundo. O modo pelo qual vivenciam o mundo é representado através do discurso e partilhado com os outros corpos, ocorrendo o processo de significação e ressignificação do universo simbólico.¹⁴

Os códigos existentes em um determinado universo simbólico só assumem um significado a partir das experiências cognitivas de um sujeito. Desse modo, por mais que eu tenha o conhecimento da palavra, para entender o seu significado é preciso que eu compartilhe de alguns elementos da sua cultura nativa. Assim, uma palavra só passa a existir em um contexto linguístico dos falantes, quando esta perpassa pelo sentido de um corpo que se constitui através das interações com os demais objetos no mundo. Se não fosse assim, a palavra seria apenas um código, que não é dotada de um sentido, haja vista que os sujeitos não experienciaram a existência neste universo.

Importa ainda recorrer as concepções filosóficas a respeito do entendimento da constituição do ser e da existência humana, para podermos entender como que ocorre a condição de formação do corpo enquanto Locus Cultural. Quando compreendemos como o mundo é (re)significado através das vivências de mundo, conseguimos visualizar a materialização dos sujeitos a partir da construção e vivências das significações de um Língua.

De acordo com Butler (2000) as práticas discursivas são uma forma de materialização de uma norma, assim as categorias linguísticas são uma maneira enquadramento dos corpos. Aquilo que não é categorizado a partir dos padrões linguísticos de uma língua estaria colocado como abjeções. Desse

¹⁴ No presente trabalho o corpo é entendido como Locus da cultura, de acordo com a definição de Csordas, e como qualquer cultura ele é suscetível a transformação simbólicas, assim como ele também é capaz de atribuir significados, ou ainda ressignificar algo por meio das influências internas e externas.

modo a nomação assume a função de categorizar e reiterar os corpos sujeitos em uma determinada cultura. Quando fala-se dos corpos que pesam, seriam exatamente aqueles que assumem um signifição no universo discursivo. Assim, criam-se normas e padrões de afirmação de sujeitos.


Contribuições ainda da fenomenologia da percepção (PONTY,2006) falam da existência de um mundo pré-objetivo que é anterior ao sujeito, assim a percepção humana é construída a partir do momento em que este vivencia e experiencia as demais matérias existentes no universo. Vale considerar ainda através de uma abordagem da antropologia fenomenológica (CSORDAS,2010) que os corpos, enquanto matéria não está dissociada de uma estrutura simbólica. De acordo com Thomas Csordas o Habitus de uma cultura não é uma estruturada pela uma condição macrossocial, como diria Bourdieu(1982). Esta seria uma condição construída pela percepção humana do universo simbólico, e este é compartilhado com os demais corpos no mundo. Assim sendo a cultura não é uma reprodução de uma condição macroestrutural, mas é um processo de constante (re)signifição que ocorre por meio das experiências corpóreas de construção e entendimento dos sujeitos culturais.



Desse modo, torna-se impossível considerar o processo ritual e as performances linguísticas sem as experiências e vivências surdas. A Língua de Sinais e as performances do discurso são uma condição da existência e da percepção de mundo dos sujeitos surdos. Os sinais são um modo de materialização de um mundo pré-objetivo; e os processos rituais são uma maneira de reiteração da norma de (re)signifição do significado do que o ser surdo. Neste contexto, têm-se o processo de nomação própria, no qual as experiências e vivências de mundo dos surdos estão presentes na (re)signifição no ritual de formação dos sinais próprios dos sujeitos surdos.



O diálogo da antropologia com a fenomenologia da percepção consiste na coexistência entre mente de corpo e as experiências corpóreas para a constituição do ser humano, tratando do significado que o sujeito atribui aos demais objetos no mundo e o compartilhamento com o mundo vivenciado

(CSORDAS,2010).O corpo é um sujeito de percepção (PONTY,2001), pois é com ele e através dele que a pessoa a pessoa experimenta os sentidos. Na teoria da fenomenologia antropológica da percepção Csordas trabalha com a relação entre identidade pessoal e coletiva.

Apropriando-se da teoria construída a partir da fenomenologia antropológica pode-se dizer que os domínios das línguas naturais humanas são uma corporificação das experiências dos sujeitos. Desse modo, a criação dos sinais próprios é a codificação de um self surdo que tem a sua existência significada pelos outros em um determinado contexto sócio linguístico. O que pode ser expresso na noção de “a linguagem, expressão emocional e gestual são de um mesmo conjunto como superposições de um mundo natural ou biológico.” (GESSER,2009).


O processo de nomeação que um sujeito surdo atribui um significado de existência, a partir da percepção visual espacial do outro, parte de um processo de constituição linguística e da linguagem expressa pelos modos somáticos de atenção. Isso pode ser evidenciado em um relato do surdo , quando ele disserta sobre como ocorre o processo de nomeação de uma pessoa.


 Disse que qualquer surdo poderia dar o sinal, porém é preciso olhar, e conhecer a pessoa para dar o sinal, pois este deve combinar com o sujeito. De acordo com este surdo o processo de nomeação não é rápido, para ele dar um sinal a alguém demora em torno de 6 meses. O curso de LIBRAS, que ministra, nos primeiros dias as pessoas ficavam pedindo um sinal a ele, entretanto, o  respondia que não, neste caso eles deveriam pedir para que outro surdo lhe desse o sinal. Apenas nos últimos dias do curso de LIBRAS, quando ele conhecia as pessoas é que ele as nominava.

Outro fato registrado na interação em campo diz respeito aos contornos fonéticos dos sinais próprios. Quando  perguntou se era correto usar a datilologia nos sinais o  respondeu que era como o professor de Linguística

da USP havia falado no Simpósio sobre inclusão e surdez. Antes era comum o uso de letras no nome dos surdos, mas com o tempo isso foi mudando. A LIBRAS é uma língua diferente do português e quando se coloca a letra em um nome marca a influência do português na LIBRAS, mas que não podia fazer isso. Antigamente era comum ter letra nos sinais, mas que agora as coisas haviam mudado, não se usava mais. Ele chegou a dar um exemplo de um sinal com a configuração de mão em F, ele disse que não se fazia assim e fez um sinal com outra configuração de mão.



Nesta entrevista a sua esposa que é ouvinte também respondeu a pergunta falando que os nomes próprios era como os surdos percebiam as pessoas, e deu o exemplo de uma criança surda de Viçosa. Ela sabe LIBRAS e os pais eram ouvintes Bilingues, usuários da LIBRAS e do português. Então, quando ela chegava em casa e contava como tinha sido o seu dia na escola, a criança precisava mencionar o nome dos coleguinhas. Por isto, ela de nominou os seus amigos de classe com sinais próprios. A mãe então, conseguiu a foto de todos os alunos da sala da menina com a escola e levou para casa e pediu que a criança fizesse o sinal de cada pessoa. Assim, ela nominou cada colega de sala e os pais levaram um quadro com a foto e os sinais de cada uma das pessoas para que estas soubessem de quem a menina estava falando.





De acordo com a entrevista com , estes sinais não tinham relação alguma com a letra em português, a criança nominou de acordo com a característica das pessoas. Deu um exemplo da descrição de um sinal que não tem relação com o nome da pessoa em português a CM=M L=em cima da cabeça M= de frente para trás, porque ele usava sempre um moicano. Tinha uma outra amiguinha da criança que o sinal dela era CM=O L=boca M= dentro para fora, pois ela começa a rir aos poucos e de repente abria um sorriso.

Os relatos acima ilustram como a percepção surda é capaz de produzir e significar códigos linguísticos em LIBRAS. Assim, a percepção acerca do sujeito é anterior a sua significação na Língua de Sinais, para o surdo  as sensações do corpo fisiológico e a imagem mimética do sujeito será significada

na Língua de Sinais através de um sinal próprio. Existe uma implicação no processo de nomeação que pode ser dividida em três etapas sendo estas: modalidade sensorial, interação social e atribuição de significado. A modalidade sensorial seria o momento em que o surdo percebe o sujeito com que está interagindo; a interação que seria o processo de conhecimento para atribuição do sinal próprio; por último, a atribuição de significado é o momento em que o sinal próprio é criado e pessoa passa a ser reconhecida como Surda.

Os sinais próprios formados a partir do processo de nomeação são uma corporificação das experiências e percepções do imagético multisensorial dos sujeitos surdos. Além disso, o próprio processo em si de nomeação é dotado de um imperativo político e por uma lógica de poder expressa nos discursos em Língua de Sinais. Tem-se assim um jogo de disputa sobre o imperativo linguístico e sobre como deve ser estabelecido o processo de nomeação.

É possível notar este conflito, no campo do processo de nomeação própria, tanto por uma experiência pessoal acerca do sinal  , dado pelo .

Quando comentado com o  sobre a configuração do sinal, ele chegou a dizer que não podia ter tal configuração de mão, pois correspondia a uma representação do meu nome em português. Assim, começou a me dar exemplos de sinais próprios, os quais não tinham ligação com o Português, mas sim com as características das pessoas. Foi perguntado neste mesmo contexto sobre a possibilidade de não utilizar mais esse sinal com a configuração de mão em . O  respondeu que o sinal não poderia ser mudado, uma vez que a pessoa recebe o sinal ela não pode trocar, pois o surdo sente, e se o  visse que eu tinha mudado ele ficaria triste

Nota-se desse modo uma divergência quanto a codificação dos sinais próprios, o tempo de duração para o reconhecimento do outro, e o empréstimo

do léxico de outras línguas naturais para significação da existência surda no campo discursivo. Todavia, nota-se um padrão acerca da experiência da linguagem surda, que está na interconexão e interdependência da morfologia imaginária e a corporalidade surda. Ou seja, quando fala-se sobre a língua natural humana e a compreensão dos processos rituais das mesmas, é preciso considerar as percepções de cada surdo com a Língua. A significação os imperativos discursivos e os rituais linguísticos são capazes de significar a existência do ser surdo no universo simbólico anterior a ele.

A existência não dicotômica adentra as constituições subjetivas e a materialização do corpo, que é corroborado no próprio entendimento e significação linguística da LIBRAS. Dessa maneira, os sinais próprios podem remeter tanto a características físicas quanto a características relacionadas ao comportamento. Afirmasse que tanto as relações de gênero, a regionalidade e a geração influem na dinâmica linguística e no processo de (re)significação da língua, pois esta de igual modo não se dissocia da constituição social e histórica do corpo surdo. Os sinais próprios são assim códigos que criam o posicionam o ser surdo no mundo, que é significado em contextos sociais específicos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de nomeação das pessoas surdas no município de Viçosa se caracteriza como um importante elemento da cultura surda. Os nomes próprios são ainda um marcador identitário e cultural em rede comunicativa, demarcando as performances discursivas da Língua de Sinais. Por isso, utilizamos da relação existente entre os aspectos culturais e a forma linguística da Língua de Sinais. Por meio do viés da Antropologia Linguística, compreendemos as performances dos discursos e as influências na agência da/na Língua Brasileira de Sinais. Além disso, adotamos abordagens sóciolinguística, para analisar como os fatores sociais, sendo estas: as questões de gênero, as regionalidades, as quais podem contribuir para o entendimento da estrutura fonética da Língua de Sinais.

Viu-se que as língua em uso são diacrônicas e seguem uma dinâmica sociocultural. As interações face a face influenciam na forma e no conteúdo da língua em uso. Dessa maneira, quando as interações são desempenhadas em línguas diferentes é preciso estabelecer negociações linguísticas no decorrer do discurso, a fim de haver a flexibilização das normas de uma língua e, conseqüentemente, o entendimento da mensagem. Desse modo, existe um constante processo de negociações linguísticas entre as Línguas visuais espaciais e orais auditivas, visto que os usuários da Língua de Sinais são sujeitos linguísticos minoritários em constante relação com as Línguas orais auditivas.

Por meio dos Sinais Próprios notou-se a utilização do léxico Português para formação fonética dos sinais, sendo assim a conformação dos sinais atribuídos no processo de nomeação variam de acordo as particularidades da LIBRAS em uso. Por isso, não é possível estabelecer regras universalizantes para este processo, visto que os ritos linguísticos de uma cultura se relacionam com a função linguística da língua em uso.

No decorrer trabalho dialogamos com a antropologia fenomenológica, a fim de compreender a dinâmica linguística e significação do universo simbólico do sujeito surdo. Torna-se possível, desse modo, compreender como as experiências e vivências de mundo surdo demarcam a (re)significação da existência surda, estas expressas através da Língua de Sinais por eles utilizada. Essa perspectiva acerca da essência dos sujeitos linguísticos, parte de um campo teórico-metodológico, ainda recente do ponto de vista antropológico. Tendo-se em vista que grande parte das produções antropológicas no Brasil atém-se aos aspectos simbólicos de elementos de uma cultura. Nesta assertiva, o uso do *embodiment*, chama a atenção para a percepção dos sujeitos em relação ao processo ritual no qual ele está inserido. De acordo com a antropologia fenomenológica o corpo é o *Locus Cultural* e por isso um campo da pesquisa etnográfica.

Quando falamos de corpo entendemos, por meio de Merleau-Ponty, que não é possível tratar de maneira dicotômica o corpo fisiológico a concepção moral da constituição do ser humano. Dessa forma, a consciência humana se constitui a partir da percepção e experiência com os outros corpos no mundo, anteriormente a este processo existem apenas matéria. De acordo com a fenomenologia a essência da existência humana se constrói a partir do processo de percepção dos outros corpos, enquanto matéria. Em diálogo com a Fenomenologia da Percepção, Csordas expande as contribuições do campo filosófico para a Antropologia, construindo um novo campo teórico-metodológico.

As experiências em campo com os sujeitos surdos, as interações desenvolvidas ao longo de uma ano, nos mostrou a necessidade do trabalho interdisciplinar a partir compreensão das Línguas Humanas e da forma como os discursos são desempenhados pelos sujeitos. Precisa-se refletir acerca da flexibilização das fronteiras das áreas do conhecimento, de forma que possamos integrar os saberes do campo das Ciências Sociais, da Filosofia e da Linguística Aplicada, para compreendermos a integralidade do sujeito e como ocorrem o processo de formação das Línguas consideradas como

Naturais. O processo de nomeação, fez-se propício, na tentativa de integrar as correntes teóricas das diferentes áreas do conhecimento.

A insipiência de produções na temática das línguas espaciais visuais, foi vista como oportuna, tanto para a expansão de produções acadêmicas quanto pela possibilidade de recorrer às diversas áreas para as análises dos dados. O estudo das Línguas espaciais visuais são ainda recentes, e, por isso, há a necessidade de estudos acerca das construções e transformações dos sujeitos contemporâneos e as suas influências na produção e reprodução das normas linguísticas. Desse modo, apontamos que quaisquer estudos sobre essa temática, podem trazer contribuições do ponto de vista teórico e, também, do ponto de vista social. A pesquisa com os sujeitos Surdos e das dinâmicas linguísticas mostra-se relevantes: do ponto de vista acadêmico, e sócio-cultural.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNES, J. A. **Redes Sociais e Processo Político**. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org). **A Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos**. São Paulo: Global, 1987.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John. O Significado Social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles. **Sociolingüística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **El sentido Práctico**.Spain: Taurus, 1991

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: O CORPO EDUCADOPEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE. Belo Horizonte. Autêntica. 2000.

CAMURÇA, Sílvia; GOUVEIA, Taciana. O que é gênero. 4ª Ed. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 40p. – **Cadernos SOS CORPO**; v.1, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**.São Paulo. Parábola,2002.

CHRISTMANN, Karina Elis; DOMINGOS, Franz Kafka Porto; OLIVEIRA, Janine Soares de; QUADROS, Ronice Müller de. **O SOFTWARE ELAN COMO FERRAMENTA PARA TRANSCRIÇÃO, ORGANIZAÇÃO DE DADOS E PESQUISA EM AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS**.Anais do IX Encontro do CELSUL, Palhoça, SC, out. 2010.Universidade do Sul de Santa Catarina

CITRO, Silvia. **Cuerpos Significantes –Travesías de una etnografía dialéctica**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

CICOUREL, Aron. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DINIZ, Débora. **Autonomia reprodutiva:um estudo de caso sobre a surdez**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1):175-181, jan-fev, 2003.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. New York, NY: Cambridge University Press, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis. Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
_____. Os usos da diversidade. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n10, pág. 13-34, maio 1999.

GEDIEL, Ana Luisa. **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos?** A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GESSER, Audrei. Gesser, Audrei, **LIBRAS? : Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda** - São Paulo : Parábola Editorial. 2009

GODOLPHIM, Nuno. “**A fotografia como recurso narrativo: problemas entre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**”. In: **Horizontes Antropológicos** Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 125-142, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, Erving. A Situação Negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles. **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

GUMPERZ, John. **Convenções de Contextualização**. In: RIBEIRO, Branca Telles. **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

GUMPERZ, John. Introduction: language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, John. **Language and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HEREDIA, Fabiola “**Me di cuenta de que podía hablar con las manos...**”: las personas sordas y su encuentro con la Lengua de Señas y la **comunidad sorda*** in: IX Congreso Argentino de Antropología Social “**Fronteras de la Antropología**”, 2007.

HELLER, Monica. S. **Negotiations of language choice in Montreal**. In: GUMPERZ, John. J. (ORG.). **Language and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

KEATING, Elizabeth. **Everyday interactions and the domestication of social inequality**.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 4 ed. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. *A Radicalização do Debate Sobre Inclusão Escolar no Brasil*. **Revista Brasileira de Educação - ANPED** - v.11 - n.33 set/dez. 2006.

MINUZZ, Crislaine; FACHIN, Mestre Paulo Cesar. **ESTUDO SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES** [s.d.].

NADEL, S.F. **COMPREENDENDO OS POVOS PRIMITIVOS**. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org). **A Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos**. São Paulo: Global, 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Ver Ouvir e Observar. O trabalho do Antropólogo*. São Paulo. UNESP. 1994.

PONTY, Merleau. **A estrutura do comportamento**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RABELO, Mirian & ALEVES, Paulo. *Corpo, Experiência e Cultura*. In: **XXV Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, Outubro, 2001.

SAMAIN, Etienne. **Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia**. In: *Horizontes Antropológicos* Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 19-48, 1995.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. **Revista Educação Real**. vol 16: pág 5-22, 1994.

VICTORA, Ceres. G. et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000.

